



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

KARLA ELVIRA GOMES GUIMARAES

**Parnamirim: a história local como ferramenta didática para
o ensino fundamental II**

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Outubro / 2022



KARLA ELVIRA GOMES GUIMARAES

**Parnamirim: a história local como ferramenta didática para
o ensino fundamental II**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (UPE) Universidade de Pernambuco como pré-requisito para a obtenção do Grau de mestre em Ensino de História.

Área de concentração: História Local.

Orientador: Prof. Dr. Igor Lapsky da Costa Francisco.

Recife

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
Biblioteca Mons. Petronilo Pedrosa, Nazaré da Mata – PE, Brasil

G963p Guimarães, Karla Elvira Gomes
 Parnamirim: a história local como ferramenta didática para ao
 Ensino Fundamental II. / Karla Elvira Gomes Guimarães. – Nazaré da
 Mata, 2022.
 75 p. : il.

Orientador: Igor Lapsky da Costa Francisco

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco, Campus
Mata Norte, Mestrado Profissional em Ensino de História, Nazaré da
Mata, 2022.

1. Ensino de História. 2. História Local. 3. Sequência Didática.
I. Francisco, Igor Lapsky da Costa (orient.). II. Título.

CDD 372.89

Parnamirim: a história local como ferramenta didática para o ensino fundamental II

KARLA ELVIRA GOMES GUIMARAES

Dissertação defendida e aprovada para obtenção do grau de mestre em Ensino de História.

Nazaré da Mata, 27 de Outubro de 2022

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Igor Lapsky da Costa Francisco
Departamento de História – UPE Nazaré da Mata.
Presidente

Prof^a. Dr^a. . Sandra Simone Moraes de Araújo
Departamento de História – UPE Nazaré da Mata.

Prof. Dr. Rafael Pinheiro Araújo
Departamento de História – UERJ Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus que sempre cuida de mim e dos meus sonhos.

Agradeço a minha família e sobretudo a minha tia avó Célia da Siva Branco, que segue sendo minha fonte de inspiração e de amor maior. Os meus irmãos Rômulo e Rodrigo por serem sempre muito presentes na minha vida e claro a minha mãe Elizabeth Branco por todo apoio, orientação, dedicação e orações, eles sempre souberam a importância do estudo e deram o suporte suficiente para minha educação. Pela sua integridade e força, muito obrigada por ser um exemplo para mim.

Ao meu orientador, Igor Lapsky da Costa Francisco, pela disponibilidade, pelo tempo dedicado e pela orientação. Obrigada também pela paciência e humildade como que nos orienta. Agradeço pelas suas orientações sempre tão valiosas e obrigado também por buscar sempre pela excelência, isso nos ensina que podemos fazer mais do que acreditamos que podemos.

À minha família, que me incentivaram nesta minha trajetória.

À Prof^a Dr^a Sandra Simone , pelo apoio sempre que solicitado na disciplina cursada nas aulas do Profhistória.

A todas as colegas e amigos que de uma forma contribuíram para a realização e conclusão desse trabalho.

À todos os membros do Departamento do ProfHistória Nazaré da Mata.

Aos colegas e amigos de curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

Muito obrigada!

“A História está repleta de pessoas que, como resultado do medo, ou por ignorância, ou por cobiça de poder, destruíram conhecimentos de imensurável valor que, em verdade, pertenciam a todos nós. Nós não devemos deixar isso acontecer de novo.”

Carl Sagan

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
1. INTRODUÇÃO	9
2 PRIMEIRO CAPÍTULO – O LUGAR DA HISTÓRIA LOCAL	13
2.1 BRASIL, NORDESTE E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	13
2.2 PARNAMIRIM FIELD: UMA GUERRA, UMA CIDADE	16
2.3. A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA LOCAL NO AUXÍLIO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA PARA O EDUCANDO	25
2.4 O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL PARA COMPREENSÃO DE VIDA DO ALUNO	29
3. ESPAÇOS DE MEMÓRIA.	38
3.1 PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL E OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA	38
2.2 MEMÓRIA E OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DE PARNAMIRIM.....	43
4. PRODUTO EDUCACIONAL DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA.	51
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	51
4.2. A UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE EDUCAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	54
4.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	72
7. ANEXOS	75
ANEXO 01: <i>Folder</i> sobre a importância do município de Parnamirim, RN, para a Segunda Guerra Mundial.	75

RESUMO

A participação da cidade de Parnamirim na segunda guerra mundial possui uma grande relevância para muitos resultados de conflitos que ocorreram durante a guerra. Utilizar essa história local dentro da sala de aulas possibilita uma percepção da relação da história local dos alunos com a aquela presente no currículo de História. Além disso estimula os alunos e gerar debates e questionamentos, produzindo uma aprendizagem significativa e relevante para o cotidiano desses estudantes, aumentando seus sentimentos críticos a partir da ótica de seu próprio contexto social e cultural. O presente trabalho analisa a importância da história local para o ensino de História, assim como busca debater sobre como as contribuições dos conceitos de memória, espaços de memória e espaços não formais de ensino podem auxiliar o ensino de história nos anos finais do ensino fundamental. Esse trabalho apresenta também uma estratégia educacional para a inserção da história local do município de Parnamirim no ensino de História. A sequência didática *Parnamirim Field* está organizada em seis etapas: 01 - Produção Inicial (Diagnóstica); etapa 02 - Apresentação da situação de estudo; 03 - Exibição do filme “O menino do pijama listrado”; 4 - Visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória; 05: Cenário local x Cenário Global; e a etapa 06 - Avaliação da aprendizagem – Exposição visual. Acreditamos que o presente estudo pode contribuir para uma reflexão acerca da importância no ensino da História da presença da história local e a busca por metodologias que contribuam para o processo de ensino-aprendizagem, buscando assim a promoção de uma educação integral e libertadora.

Palavras-chave: Ensino de História; História local; Parnamirim *Field*; Sequência Didática.

ABSTRACT

The participation Parnamirim City in the Second World War has a great relevance for many results of conflicts that occurred during the war. Using this local history within the classroom is a possibility of relating the students' local history with that present in the curriculum. In addition, it stimulates students and generates debates and questions, promoting meaningful and relevant learning, which are related to the context of student daily life, increasing their critical feelings from their own social and cultural education. The present work analyzes the importance of local history for the teaching of history, as well as a debate on how contributions from memory studies, memory spaces and non-formal spaces can help the teaching of history in the final years of elementary school. This work also presents an educational strategy for the insertion of the local history of the Parnamirim City in the teaching of history. The didactic sequence Parnamirim Field is organized in six stages: 01 - Initial Production (Diagnosis); step 02 - Presentation of the study situation; 03 - Screening of the film "The boy in the striped pajamas"; 4 - Visit to the Trampolim da Vitória Cultural Center; 05: Local Scenario x Global Scenario; and step 06 - Learning assessment - Visual exposure. We believe that the present study can contribute to a reflection on the importance of the presence of local history in the teaching of History and the search for methodologies that contribute to the teaching-learning process, thus promoting an integral and liberating education.

Keywords: Teaching History; Local history; Parnamirim Field; Didactic Sequence

1. INTRODUÇÃO

Na perspectiva de analisar a presença da história local e possíveis propostas para sua inserção no currículo de História do ensino fundamental II desenvolvemos a proposta de uma sequência didática que incluísse a história da Segunda Guerra Mundial que ocorreu no município de Parnamirim, RN, dentro contexto mundial do conflito. Buscamos elaborar uma proposta didática na qual a história local pudesse ser utilizada como contextualização para o ensino de História para ser utilizado com estudantes do 9º ano do ensino fundamental, com o propósito de favorecer aprendizagens sobre a história geral.

A dimensão social da memória está relacionada ao modo como os indivíduos desenvolvem suas relações com os outros e com a sociedade e na relação desse modo com os processos de aprendizagem, tornando esses indivíduos capazes de serem parte da construção da história ao transmitir tais conhecimentos obtidos em um meio sociocultural para os outros indivíduos. A memória individual é importante por que ela auxilia na construção da memória coletiva, que é o conjunto de valores e saberes de um grupo social, sendo essa memória a herança cultural e o passado de um povo e ela só se perpetua ao longo da história se ela estiver inserida nas vivências desse povo (JOÃO, 2005).

De acordo com Rodrigues e Machado (2010), a construção da identidade sociocultural de uma cidade ocorre através da memória dos indivíduos, obtida através das experiências históricas comuns vivenciadas pelo grupo. Esses autores afirmam que o ser humano busca na história uma base para encontrar sua identidade, seu grupo social, sua maneira viver a vida.

De acordo com Verde e Martins (2021), a sociedade possui grande diversidade cultural e religiosa. No entanto as práticas pedagógicas muitas vezes não são estabelecidas de forma contextual, de modo que os saberes universais são sobrepostos aos saberes locais, não valorizando a diversidade do contexto escolar. Esses autores afirmam que o ensino de História a partir da história local possibilita a compreensão da História como um processo e não como um conjunto de fatos isolados.

A aquisição dos dados, imagens e significados que permitem que os indivíduos formulem sua representação sobre o passado do grupo social ao qual pertence

acontece, dentre outros ambientes de convívio social, no âmbito escolar (JOÃO, 2005). De acordo com Freire (1969), a principal função da educação é tornar as pessoas livres e autônomas, capazes de analisar sua própria realidade e seu contexto como um todo, participar dessa realidade e transformá-la. Sendo assim, tratar da história sem inserir a memória local e o contexto prejudica tal função da educação além de privar o aluno de compreender os fatos históricos a partir da sua própria realidade.

De acordo com Saviani (2003):

O objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2003, p.13).

Dessa forma, valorizar o conhecimento geral, em detrimento ao conhecimento local, pode não ser a forma mais adequada, quando pensamos na importância do contexto para o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Dagostin e Molin (2022), uma compreensão efetiva da História se dá ao conhecer o contexto no qual o indivíduo vive e no qual atua, conhecendo a si mesmo como um sujeito ativo dentro do processo histórico, onde a história local serve de instrumento de articulação, sendo a base para a aprendizagem.

As sequências didáticas (SD) são uma maneira de entrelaçar e articular diferentes atividades de uma unidade didática (ZABALA, 1998). A SD é o modo de organização sistemática das atividades de ensino, onde os conteúdos são vistos em etapas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Ela permite a reflexão e a inclusão dos conhecimentos aprendidos na prática do dia a dia, gerando assim, uma maior criticidade e engajamento dos alunos durante as aulas. Além disso, pensamos que a utilização de uma SD para inserção da história local no currículo de História permite trabalhar diferentes metodologias, como o uso de filmes, leitura de textos, visita a espaços não formais de educação, dependendo da etapa e do objetivo de cada etapa.

A utilização de espaços não formais de educação pode auxiliar a introdução da história local nos currículos de História. De acordo com Santos (2021), a utilização desses espaços não-formais, associados aos conteúdos do currículo de História, podem contribuir para um ensino mais dinâmico e interativo, promovendo uma relação entre os saberes teóricos aprendidos em sala de aula e aquilo que é vivenciado nesses ambientes não-formais de educação. Além disso, esse autor destaca que esse tipo de atividade além de despertar o interesse do aluno, sua curiosidade e sua

interação, também possibilita a vivência de experiências únicas, permitindo diálogos e interações produtivas para os alunos.

A cidade de Parnamirim, no estado do Rio Grande do Norte, possui uma grande importância para história da Segunda Guerra Mundial. Após a entrada dos Estados Unidos da América nesse conflito, o Governo brasileiro cedeu áreas dentro do território nacional para apoio das tropas aliadas. Dessa forma, no ano de 1941, o Brasil assinou um acordo com os Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, resultando na construção de uma base aérea militar americana e brasileira no município de Parnamirim, RN (CHAVES, 2020), denominada Parnamirim *Field*. Dessa forma, Parnamirim tomou um ponto estratégico durante os conflitos. Nesse período a Base Aérea de Parnamirim se consolida como ponto estratégico para as tropas americanas (COSTA, 2011).

A construção do presente estudo se originou a partir da nossa vivência como docente na rede municipal da cidade de Parnamirim, Rio Grande do norte, onde lecionamos História durante 8 anos. Nas nossas vivências foi possível observar um distanciamento da memória local como um instrumento de contextualização e inserção do aluno dentro do processo histórico, a ausência, dentro do currículo escolar de História, de conteúdos relacionados a história local, como por exemplo a importância da cidade de Parnamirim durante o período da Segunda Guerra Mundial, bem como uma ausência do conhecimento desses alunos da sua própria história.

Com base nisso tivemos como objetivo geral analisar a relação dos estudantes da escola municipal Professora Francisca Bezerra de Souza com a memória local do município de Parnamirim, RN. Nesse sentido, buscamos alcançar os seguintes objetivos específicos: a) analisar a presença da história local nos currículos do Estado do Rio Grande do Norte e na Base Nacional Comum Curricular; b) discutir sobre a produção de um material visual sobre a história do município de Parnamirim, RN; c) produzir um *folder* sobre a importância do município de Parnamirim, RN, para a Segunda Guerra Mundial; d) utilizar esse *folder* sobre a importância do município de Parnamirim, RN, como ferramenta didática para a inserção da história local durante as aulas de História na escola municipal Professora Francisca Bezerra de Souza e e) Produção de uma Sequência Didática para ministração dos conteúdos sobre a Segunda Guerra Mundial e a importância da cidade de Parnamirim, RN, para esse fato histórico.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, onde o capítulo inicial busca responder aos aspectos introdutórios. No capítulo um discorreremos sobre o lugar

da história local do município de Parnamirim, tratando especificamente sobre Parnamirim *Field* e sua importância para a história da segunda Guerra mundial e para os Estados Unidos da América. Discorreremos também sobre a importância da história local no auxílio da aprendizagem significativa para o educando.

Em seguida, no capítulo dois, tecemos considerações sobre espaços de memória. Discutimos sobre o patrimônio histórico e cultural e os espaços de memória e a memória e os espaços de memória de Parnamirim. Finalmente, no capítulo três, tratamos da produção de um folder sobre a importância do município de Parnamirim, RN, para a Segunda Guerra Mundial e utilização desse *folder* como ferramenta didática para a inserção da história local durante as aulas de História na escola municipal Professora Francisca Bezerra de Souza.

2. PRIMEIRO CAPÍTULO – O LUGAR DA HISTÓRIA LOCAL

2.1 BRASIL, NORDESTE E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi inicialmente conturbada, o país estava vivenciando a Era Vargas¹. O período entre 1937 a 1945, que foi conhecido como estado novo – uma forma de governar ditatorial explícita da política do presidente. A sua aproximação e alinhamento com o modo de governar entrelaçados a regimes autoritários europeus como a Itália fascista e a Alemanha Nazista não teve longa duração.

Em 1941, após a base naval americana de Pearl Harbor ter sido atacada por Japoneses coligados ao grupo nazifascista, Os Estados Unidos da América (EUA) entra oficialmente na Segunda Guerra e fomenta uma imposição sobre a neutralidade nacional de Getúlio, que acaba por ceder às pressões americanas e rompe suas relações diplomáticas com o Eixo². Os EUA buscaram traçar uma zona de influência militar sobre o continente americano a fim de evitar uma eventual ocupação nazifascista. O Brasil possuía regiões estratégicas que não poderiam ficar vulneráveis (FAVERI, 2006). Era o caso do litoral do estado do Rio Grande do Norte, onde está o Forte dos Reis Magos. Os americanos sabiam que precisavam de Vargas como aliado e começaram a pressioná-lo nesse sentido. Como diz o historiador Boris Fausto, em sua obra *História do Brasil*:

[...] Antes mesmo de começar a guerra, Roosevelt já se convencera de que ela se daria em escala mundial e envolveria os Estados Unidos. Essa perspectiva levou os estrategistas americanos a ampliar o que consideravam o círculo de segurança do país, incluindo a América do Sul e em especial a “saliência” Nordeste Brasileiro. Os americanos se lançaram também em uma ofensiva político-ideológica, ao promover, entre outras iniciativas, as Conferências Pan-Americanas, em torno de um objetivo comum: a defesa das Américas, independentemente do regime político vigente em cada país, sob o comando dos Estados Unidos (FAUSTO, 2013, p. 234).

A participação mais concreta do Brasil vai acontecer quando os alemães sabendo da aproximação do país com a Tríplice Entente⁴, começaram a promover pequenos ataques aos navios brasileiros do litoral. Em 1942, os submarinos nazistas

¹ A Era Vargas foi o período de quinze anos da história brasileira que se estendeu de 1930 a 1945 e no qual Getúlio Vargas era o presidente do país. A ascensão de Vargas ao poder foi resultado direto da Revolução de 1930, que destituiu Washington Luís e impediu a posse de Júlio Prestes (presidente eleito que assumiria o país) (D'ARAUJO *et al.*, 1999).

² Os países do Eixo formaram alianças (Alemanha, Itália e Japão) durante a Segunda Guerra Mundial (KOIFMAN; ODA, 2013).

⁴ Os países da tríplice Entente (Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética URSS) (SONDHAUS, 2013).

afundaram alguns navios da costa nordestina, o que resultou em mortes da população, a comoção nacional foi propagada e as pressões para declaração de guerra à Alemanha era inevitável (GOES, 2019).

Em 28 de janeiro de 1943, ocorreu a conferência de Potengi, o encontro entre os presidentes Vargas e Roosevelt selando a declaração oficial de apoio do Brasil aos aliados na Segunda Guerra Mundial, recebeu esse nome pois foi fechado no porto da cidade de natal, à beira do rio Potengi (DIAS, 2009). Na figura 1, traz a imagem dos líderes das nações Brasil e Estados Unidos consolidando o acordo para instalação da base aerea de Parnamirim Field no território do nordeste brasileiro. A imagem foi coletada no Centro Cultural Trampolim da Vitória (CCTV), onde está localizado hoje, o maior acervo desse momento de grande Guerra Mundial imprimindo a participação do Brasil desse momento histórico de repercussão global.

Figura 1. Conferência do Potengi.



Fonte: Eider Fernando Ribeiro Damasceno, 2022.

A figura 2 (imagem coletada no Centro Cultural Trampolim da Vitória (CCTV), Localizado em Parnamirim –RN.), traz a cena dos navios afundados pelos Alemães e Italianos no oceano atlântico, sobretudo no litoral nordestino, as embarcações foram atacadas depois em represália à adesão do Brasil aos compromissos da Carta do Atlântico⁵ (que previa o alinhamento automático com qualquer nação do continente americano que fosse atacada por uma potência extracontinental), o que tornava sua neutralidade apenas teórica.

Figura 2. Navios Afundados pelos Alemães no litoral nordestino durante o período da Segunda Guerra Mundial.



Fonte: Eider Fernando Ribeiro Damasceno, 2022.

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi uma expedição militar criada para lutar no *front* europeu, foram enviados soldados brasileiros para se integrarem as tropas dos Aliados. Apesar de os americanos se oporem, o governo brasileiro queria

⁵ Durante o ano de 1942, em meio a incentivos econômicos e pressão diplomática, os americanos instalaram bases aeronavais ao longo da costa Norte-Nordeste brasileira. Após meses de torpedeamento de navios mercantes brasileiros (submarinos alemães e italianos foram responsáveis pelo afundamento de 31 navios mercantes brasileiros, causando 971 mortes, o que foi o principal motivo que conduziu à declaração de guerra do Brasil à Alemanha e Itália), o Governo Brasileiro declara guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista, em agosto de 1942 (GOES, 2019).

enviar soldados para o conflito. Getúlio Vargas conseguiu que o presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, modernizasse as Forças Armadas e concedesse empréstimos para construir uma usina siderúrgica no país. Esta seria a CSN - Companhia Siderúrgica Nacional - localizada em Volta Redonda/RJ. Em troca, o Brasil cedia um terreno no Rio Grande do Norte para os americanos instalarem uma base militar. Esta tinha o objetivo de ser o local de decolagem dos aviões que rumavam à Europa, e ficou conhecida como o "Trampolim da Vitória" (SILVA; FOLY, 2013).

2.2 PARNAMIRIM FIELD: UMA GUERRA, UMA CIDADE

O município de Parnamirim está localizado no estado do Rio Grande do Norte, 12 km ao sul da capital do estado, a cidade de Natal. Foi em meio à aventura dos pioneiros da aviação civil que a área, que hoje é a cidade de Parnamirim, surgiu. Os patronos do município como aponta Carlos Peixoto:

Para o historiador Luís Câmara Cascudo, o capitão Luís Tavares Guerreiro (1881- 1958), comandante do 29º Batalhão de caçadores do exército instalados em Natal, foi o padrinho de Parnamirim. A história registra a presença de pelo menos dois outros nomes decisivos para o surgimento do campo de aviação que daria origem ao município. (PEIXOTO, 2003, p.37).

Em 1918, com o fim da I Guerra Mundial, o mundo foi dividido por estratégias geográficas e disputas comerciais globais passaram a ser incentivadas, a eficácia de uma nação estava atrelada a seu sistema de comunicação e transporte pois os objetivos eram escambos comerciais em menor tempo ao redor dos continentes, os aviões que foram aperfeiçoados durante a Guerra mostraram que podiam superar os navios na cruzada do oceano atlântico em menor tempo hábil e que poderiam ser mais econômicos, logo se tornaram muito atraentes para a nova fase que o mundo vivenciava. A intenção de otimizar as distâncias e encurtar o tempo foi o incentivo para a criação de campos de pouso na região. Segundo Carlos Peixoto:

Apenas dois anos após o início das operações, Parnamirim já era um dos melhores e mais bem equipados campos de pouso da Aéropostale, contando com torres de rádio, sinalização, hangares, oficinas, armazéns, poços artesanais e alguns chalés para hospedar pilotos e as famílias dos funcionários da administração. Em agosto de 1933, o governo Francês criou a Air France e absorveu todas as companhias privadas de aviação civil. Novos investimentos foram feitos no campo e a companhia estatal francesa transferiu os hangares e demais instalações para o outro lado da pista de pouso, onde hoje estão as instalações da base Aérea de Natal (PEIXOTO, 2003, p. 47).

Neste cenário, foram abertas diversas rotas aéreas na América do Sul, pois eram imprescindíveis para expansão comercial e desenvolvimento dos países com a intenção de facilitar a interação destes com as outras partes do globo. Decididos a

ampliar a malha aérea do Brasil, grandes empresários com visão de futuro se associaram a idealistas aventureiros fundando companhias de aviação comerciais. Alguns estados foram contemplados a sediar essas empresas aéreas Francesas com a finalidade de serem instaladas uma rede de aeroportos nacionais, e foi nas terras que hoje abriga o município de Parnamirim, na região nordeste do país, que encontraram as condições geográficas ideais para a instalação deste campo de pouso, que futuramente ganharia fama internacional por sua organização e posição estratégica. Na figura 3, traz fotografias de diversas aeronaves que iniciaram intercâmbios na pista de pouso e rotas na cidade de Parnamirim e Natal, mesmo antes de iniciarem os conflitos na Europa, a região nordeste do Brasil já utilizava de algumas pistas de pousos que funcionavam como transportes de cargas e intercâmbios de comunicação de diversas localidades.

Com o conflito da Segunda Guerra, o nordeste, sofreu mais impactos do que outras cidades brasileiras dado ter localizadas em seu território as instalações da Força Aérea Norte-Americana, além de diversas Unidades Militares das Forças Armadas Brasileiras, que representou a presença de, aproximadamente, 25 mil soldados que circulavam pela cidade. No seu cotidiano, a cidade, entre os anos de 1943 e 1945, conviveu com centenas de aviões a sobrevoar seu espaço aéreo, dia e noite, pousando e decolando de Parnamirim Field (distante 20 Km do centro) (OLIVEIRA; PONTUAL, 2005).

Figura 3. Início da aviação e descoberta da área de Parnamirim e Natal.



Fonte: Eider Fernando Ribeiro Damasceno, 2022.

Para Carlos Peixoto:

A importância de Parnamirim para o desenvolvimento da aviação internacional foi reconhecida desde o início das operações no campo construído pelos Franceses. O conceito e a fama de ser um campo bem estruturado e estrategicamente posicionado como ponto partida ou chegada na ponte aérea sobre o atlântico sul atraíram para Parnamirim ases da aviação de todas as nacionalidades (PEIXOTO, 2003, p.50).

De acordo com a Revista *Life*, em 1943, *apud* Pedreira (2010),

As frentes de batalha da Segunda Guerra Mundial, que encontraram no transporte aéreo seu principal propulsor, fizeram de Natal, encravada na proeminência mais oriental da América do Sul, um dos pontos mais estratégicos do globo. É a via natural que leva à África, apenas 1.600 milhas daquela cidade, à Sicília, ao Próximo Oriente, ao Médio Oriente, à Pérsia, à Rússia, à Índia. Todos os dias, aparelhos de transportes e gigantescos aviões de bombardeio que conduzem a destruição a todos os fronts inimigos, pousam ali, onde são reabastecidos. E quando a população se refaz do enfado da viagem, eis que é dado o grande salto sobre o Atlântico. Lá estão ainda aparelhos de carga repletos de acessórios, instrumentos de precisão, medicamentos de urgência, tudo o que é indispensável às tropas volantes. É fato comum ver-se na rota de ida e de volta, os homens que conduzem este conflito: generais, almirantes, diplomatas e chefes de Estado, viajando a negócios cuja natureza é insondável. Nota-se, entretanto, que em virtude dos carregamentos (que estão sob a estreita responsabilidade do Comando dos Transportes Aéreos do Exército dos Estados Unidos) serem o objetivo

primacial do serviço, os passageiros não viajam ao seu conforto. Os aviões são, antes de tudo, aparelhados para a guerra. A Base, em si mesma, é provida do necessário, mas não de luxo, de ostentação. Foi construída mais para servir aos aviões do que para proporcionar divertimentos a pilotos e viajantes. Os hangares, quartéis e armazéns são enfileirados de forma a provar o máximo de eficiência na expedição da preciosa carga ao seu destino. As grandes oficinas estão sempre cheias de mecânicos num afã contínuo e ininterrupto. Os armazéns acham-se apinhados de valiosíssimos utensílios. Nos quartéis e nas barracas, homens que voltavam do trabalho dormem embalados pela placidez da noite, enquanto aqueles que aguardam a hora da partida, jogam, brincam, conversam e relembram cousas passadas.

O município ganhou destaque no exterior e consolidou – se como uma grande sede da aviação em meados da Segunda guerra Mundial quando anteriormente mencionado, os Estados Unidos resolveu combater ao lado da tríplice aliança contra a Alemanha nazista. A entrada dos norte-americanos na Guerra, ao lado da França e da Inglaterra, muda o rumo dos conflitos na Europa e traz mudanças na região nordeste do Brasil. Após o Japão enviar um ataque contra a base estadunidense de Pearl Harbor, a Segunda Guerra atingiu amplitude mundial e seus impactos foram decisivos para criação de Parnamirim Field. Assim:

O financiamento e a direção do projeto ficaram totalmente a cargo do governo norte – americano. O objetivo era montar, equipar e preparar uma base de operações que pudesse receber unidades táticas de combate de grande envergadura, o suficiente para enfrentar qualquer ameaça a segurança do hemisfério Ocidental, servindo de apoio para uma rota aérea cobrindo toda vastidão do Atlântico Sul até a África, oferecendo proteção aos comboios de navios para a Europa e criando um corredor de transporte para o sul da Europa. (PEIXOTO, 2003, p.63).

Conforme aponta Carlos Peixoto “Os anos entre o fim da I Grande Guerra (1918) e o início da II Guerra (1939) foram de extraordinário avanço nas descobertas das ciências e no desenvolvimento tecnológico”. As inovações aceleraram o processo de ocupação no lado leste da cidade onde americanos construíram uma base aérea, o maior campo de aviação e base de operações militares que os Estados Unidos viria a ter fora do seu território, tornando - se a base de Parnamirim Field durante o período da II Guerra. Segundo Carlos Peixoto:

Parnamirim Field foi, em termos táticos, uma base de apoio às ações de guerra no atlântico e no Norte da África, com o trânsito ininterrupto de homens, armas e equipamentos. A média de aviões que desciam e subiam da base norte – americana chegou a ser de 600 aeronaves/dia. Em termos estratégicos, foi a base de um triangulo que apontava para o teatro de operações (Norte da África e o sul da Europa), onde a sorte dos aliados contra os nazistas estavam sendo lançadas. (PEIXOTO, 2003, p.71.)

Parnamirim é o ponto mais próximo dos continentes africano e europeu e foi utilizada como ponto de partida para muitas aeronaves americanas para levar tropas ao front da África e Ásia, sendo o caminho mais fácil e seguro para travessias do

oceano atlântico. Este triângulo identifica a região fora do país como o Trampolim da Vitória ou, como era conhecida nos mapas estratégicos americanos, Trampoline of victory.

Porém, os caminhos para a sede da base aérea não foram fáceis de solucionar em nosso país. No Brasil, a década de 30 começou com uma revolução encabeçada por Getúlio Vargas, aqui, o descontentamento da população era grande pois a política estava voltada apenas para os interesses dos grandes proprietários rurais da região sudeste da nação. Após sua derrota nas eleições e deflagrando um golpe para assumir o poder, o governo do presidente Vargas instalado na cidade do Rio de Janeiro, adotou uma simpatia pelo modelo nacionalista empregado pelo Adolf Hitler na Alemanha, líder da potência do Eixo e com estratégias contrárias a tríplice Aliança.

Conforme aponta Carlos Peixoto:

Em 1940, metade do mundo já estava em guerra. Em setembro de 1939 as tropas de Hitler haviam invadido a Polônia. A conjuntura internacional não poderia ser mais contrária à atração de investimentos que impulsionassem os planos econômicos de desenvolvimento nacional. Oficialmente, o Brasil era neutro. Mas, no governo de Getúlio Vargas quem nutria simpatias pelo nacional – socialismo de Hitler não se preocupava em escondê – las. O próprio presidente, em discurso de 11 de junho de 1940, elogiando o desempenho da Marinha Brasileira na Batalha Naval de Riachuelo, fez alusões positivas às vitórias alemãs na Europa e à causa nazista. Era uma posição dúbia, uma vez que o governo brasileiro negociava, desde 1934, programas de cooperação militar com os Estados Unidos.

Em maio de 1939, o Brasil havia participado da Conferência de Lima (Peru) e assinado os acordos de Washington, comprometendo –se a cooperar com os Estados Unidos da América (EUA) na eventualidade de uma guerra. (PEIXOTO, 2003, p.59).

Diante desse discurso controverso de Getúlio Vargas, dado em junho, na cidade de Lima, aumentaram as pressões norte- americanas para dar um basta a neutralidade brasileira e um posicionamento real sobre a Guerra, com ameaças de invasão ao nordeste do país, caso os acordos diplomáticos não fossem assinados.

Segundo Peixoto:

Com o desenrolar da guerra na Europa, o governo Vargas se viu forçado a assinar um acordo de defesa mútua (julho de 1941), ceder as áreas para instalação de bases norte – americanas no Nordeste (outubro de 1941), romper relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão (janeiro de 1942) e, por fim, em 22 de agosto, declarar guerra aos países do Eixo.⁹ A construção das bases naval e aérea, em Natal, seria fruto desses acordos. A base Aérea daria o impulso decisivo para o surgimento da cidade de Parnamirim. (PEIXOTO, 2003, p.60).

Segundo Flávia de Sá Pedreira, os estrategistas norte- americanos traçaram

⁹ Naquela semana, um único submarino alemão atacou e afundou no litoral do nordeste cinco navios brasileiros, causando a morte de cerca de 600 pessoas. Diante da revolta popular e das críticas na imprensa, o governo não tinha outra alternativa a não ser decretar o estado de guerra.

um triângulo compreendendo as cidades de Natal, Recife e o arquipélago de Fernando de Noronha, como porta de entrada do estreito Natal-Dakar. A base aérea instalada em Parnamirim, município a poucos quilômetros da capital norterio-grandense, criada por Vargas através do decreto-lei 4142, de 02 de março de 1942, logo conhecida por *Parnamirim Field*, iniciou suas atividades em agosto do mesmo ano, permitindo que os Estados Unidos mudassem seu quartel general do Atlântico Sul da Guiana Inglesa para Natal (PEDREIRA, 2010).

Segundo Carlos Peixoto, a base aérea daria o impulso decisivo para o surgimento da cidade de Parnamirim. A cidade conheceu nesse período de 1942, a formação da base aérea americana, uma vasta diversidade sócio – cultural que acarretou em problemas econômicos, como escassez e inflação de produtos de necessidade básica, enquanto, por outro lado, havia o deslumbre pela modernização, que foi almejada pela elite potiguar. As transformações ocorridas na urbe e a convivência com povos de várias nacionalidades dá a Parnamirim uma múltipla sociedade com mazelas e benesses durante os anos de ocupação da cidade por americanos do norte. Sobre o assunto, em 1943, a imprensa local noticiou que:

A densidade demográfica cresceu cerca de 20% nestes últimos quatro anos, com elementos originários de um país de nível de vida mais elevado do mundo. Esse acréscimo trouxe inevitáveis consequências que pesam sob a responsabilidade direta do governo na elevação do padrão de vida da população local e no seu próprio abastecimento. (O diário, Natal, 1943).

O poder público, sem solução para a situação de abastecimento na capital, resolveu adotar medidas de punição para os comerciantes que quisessem tomar proveito da falta de gêneros de primeira necessidade, caso eles não cumprissem os valores oficiais tabelados sofreriam as punições necessárias.

Mas não só de mazelas estreou à instalação da base militar no estado do Rio Grande do Norte, a capital recebeu grandes avanços na modernização, promovidos pelo desejo das elites de tornarem a cidade mais atraente e disputada para quem chegasse, e acreditavam que viajantes de todas as partes pudessem se interessar pela localidade em ascensão.

Durante a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, Natal tornou-se um centro do serviço intercontinental de entrega de suprimentos, desde motores de aeronaves até bombas, os quais eram guardados nos grandes armazéns existentes em Parnamirim; assim como ocupou o lugar de entreposto para o trânsito de autoridades, políticos e artistas da música e do cinema norte-americano para outras bases e países. A cidade fazia parte da rota mais segura do Oceano Atlântico e, por isso, era o “posto avançado do Brasil na Guerra” (POSTO..., 1943, p.8).

O comércio local também expandiu na mesma proporção de entrada de um volume de capital maior do que antes circulava na região. Os comerciantes passaram a investir mais em imóveis, foram produzidas grandes fortunas em Natal, principalmente entre comerciantes e especuladores imobiliários, porém este enriquecimento não se reverteu na modernização do comércio e, muito menos, na industrialização da cidade. Ao final, a cidade perdeu com o término da guerra, mas as Forças Armadas ganharam com a infraestrutura da Base Aérea Parnamirim Field, embora o Governo Brasileiro tenha remunerado o Governo dos EUA por grande parte dos investimentos que foram deixados na localidade. Sobre essa situação o ex-governador Juvenal Lamartine, em 1945, reafirma – infere-se – as intenções do grupo ao qual pertencia, em um artigo publicado no Jornal A República, onde comenta:

Quero fazer uma predição que minha idade não permitirá ver realizada. Natal há de ser a Sagres brasileira. Daqui partirão ondas de avião aqui mesmo construídos para todos os pontos do universo, por céus nunca antes navegados, não para conquistar povos, mas para estreitar as relações comerciais, sociais e culturais entre as nações livres (LAMARTINE, 1945, p.1).

Já no contexto social, a população precisou se reinventar diante da nova onda de modernização que avançou sobre a Parnamirim Field, as mudanças foram sentidas em todas as categorias sociais. A forma de encarar o cotidiano de uma guerra mundial, embora que estivesse ocorrendo em outro continente, os impactos de receber combatentes e sua engrenagem de combate na região fez com que as pessoas se sentissem amedrontadas com o perigo eminente de uma invasão das tropas Alemãs a qualquer momento, paralela a essa tensão o governo instituiu momentos de apagões, que ficaram conhecidos na capital pelo nome “blackout” , por conta de receio de uma eventualidade de ataques aéreos das tropas inimigas. A repercussão dessa nova prática soou numa cooperação da sociedade civil com as autoridades do exército norte-americano, pois o pânico de bombardeio era geral. “A hora do blackout... aquela angústia... porque se imaginava que poderia haver uma incursão aérea, aviões nazistas virem bombardear a Natal e isso trazia uma preocupação permanente.” (PEDREIRA, 2005, p. 154). Os escurecimentos eram conhecidos como uma medida mais democrática quando era o único aplicado a todos, a única de fato niveladora. Porém, esse pensamento da época esconde a ausência de estrutura igualitária para todos os cidadãos, uma vez que só existia dois abrigos públicos em todo estado do RN, os demais eram privados. Logo, as garantias de segurança eram desiguais. “Tinha um abrigo onde hoje é a Catedral Nova, tinha uma praça e fizeram um abrigo,

então já era pro povo que estivesse na rua ter pra onde correr. Agora, quem era rico tinha nas suas casas.” (PEDREIRA, 2005, p. 156).

Outro problema enfrentado foi o fluxo migratório da seca interiorana nordestina para a capital e ascensão. Segundo Flávia de Sá Pedreira: as discussões em torno desses transtornos no cotidiano da cidade foram divulgadas durante todo o período beligerante, sendo impressionante a discrepância entre o noticiário sobre a precariedade dos transportes natalenses e as matérias que cobriam as inovações tecnológicas norte-americanas em termos de aviação, citando *Parnamirim Field* como seu exemplo máximo, ou ainda aos apelos publicitários das exposições de automóveis importados.

Recordando a sua infância no auge da guerra, Francisco de França Filho, ex-sargento da polícia militar, revela-nos o seguinte:

Começamos a viver sob o lixo dos americanos. Mas era uma riqueza o lixo dos americanos naquela época. Eu não sei se eles davam porque sentia falta de alimentação para a pobreza... porque era tonéis grandes de banha de porco... e os porcos eram criados numa pocilga lá em Pirangi, certo? Coisa grande, porco grande... e farinha do reino. Bastava um saquinho tá enferrujando, aquele negócio, por ali... eles botavam fora sacos e mais sacos de farinha de trigo. Carne de conserva, bastava a borda por fora da lata enferrujar um pouquinho... leite condensado, que vinha em caixas, botavam fora. Talheres de prata que às vezes escapulia pro lixo, não é? Nos tonéis e muitas coisas, caixas de chocolate, muitas coisas. Então, a pobreza num tinha do que viver, ficou ali e todo mundo começou a chegar, chegar, chegar... Era uma festa essa feira, esse lixo virou uma festa.¹¹

O lixão dos americanos era o luxo para os moradores de Parnamirim Field e ao mesmo tempo uma denúncia velada de uma realidade dura e de contrastes vivenciada por esse período beligerante no estado do Rio Grande do Norte.

O relato breve do percurso histórico experimentado pela efervescência sócio, econômico e cultural da cidade de Parnamirim é que nós vamos entender os desdobramentos dessa cidade e suas questões com o passado não tão distante de guerra, vamos compreender a analogia de tantos comércios locais, escolas, transportes públicos que faz alusão ao momento de conflito mundial. E ainda, a importância para resistência à memória da cidade e comunidade do acervo que abriga desde 2019, a participação do Rio Grande do Norte (RN) na Segunda Guerra Mundial, o centro cultural trampolim da vitória (CCTV), nesse Museu, é possível ver fotos, documentos, registros históricos que remontam a participação da cidade na Segunda Guerra Mundial. Na figura 3, traz imagem do mapa de Parnamirim field, como a

¹¹ Entrevista acessada no site:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.24/ANPUH.S24.1017> em Maio 2022.

relação com a Guerra foi mudando a geografia da cidade, a questão do espaço imobiliário, as pistas de pousos, a vida cultural de toda localidade foi sendo transformada, à medida que, os americanos do norte foram ocupando e convivendo na região. A imagem é uma vista aérea de como ficou o Rio Grande do Norte com as transformações das instalações da base aérea estadunidense, coletada no Centro Cultural Trampolim da Vitória (CCTV), Localizado em Parnamirim –RN.

Figura 4. Mapa aéreo de Parnamirim Field.



Fonte: Eider Fernando Ribeiro Damasceno, 2022.

A história local da cidade de Parnamirim, popularmente conhecida como Trampolim da Vitória, é o tema central dessa dissertação. Trazer para dentro da sala de aula outras interpretações históricas com a função social de transformar o passado do alunado e identificá-lo no presente de sua história por meio de memória. Figura 5, aeronave na pista de pouso de Parnamirim Field, quando imagem coletada no Centro Cultural Trampolim da Vitória (CCTV), Localizado em Parnamirim –RN.¹²

¹² Todas as imagens foram coletadas no Centro Cultural Trampolim da Vitória localizado na cidade de Parnamirim – RN. O centro abriga um vasto acervo sobre o recorte histórico dos Americanos do Norte no Rio Grande do norte.

Figura 5. Aeronave na pista de pouso de Parnamirim Field.



Fonte: Eider Fernando Ribeiro Damasceno, 2022.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA LOCAL NO AUXÍLIO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA PARA O EDUCANDO

Para Chartier (1990), o mundo é uma representação produzida por indivíduos de uma determinada época e de tudo o que estes tomam como verdade. As representações são, assim, maneiras como os indivíduos apreendem o mundo, como se relacionam com ele e, conseqüentemente, como compreendem o funcionamento da sociedade.

A partir de algumas situações ocorridas em sala de aula na Escola Municipal Professora Francisca Bezerra de Souza é que enxergamos desta problemática a falta de diálogo dos educandos acerca de suas próprias representações históricas. Ao colocarmos nossos alunos como protagonistas de uma história coletiva, buscando trazer para o cotidiano estudantil as práticas vivenciadas por eles, mostrar como foco central sua participação e a junção dessa prática com a história curricular sistematizada, nós não só mudamos o centro de nossa aprendizagem como também damos significado aos estudantes da soma de tudo que eles aprendem, e que é parte

de sua experiência diária e tem importância na sua vida como ser histórico. Mas para essa interação obter a validade necessária em sala de aula é preciso mudar algumas barreiras da educação e voltarmos os olhares para uma construção de conhecimento onde as histórias perpassem e se completem dando voz e sentido na comunidade estudantil. A escola é o lugar privilegiado para trabalharmos como a busca da valorização da identidade de uma localidade, a compreensão da realidade em que estamos inseridos auxiliando na formação política do discente em formação, estimulando sua consciência crítica. O compromisso de trazer o aluno para ações de aulas menos tradicionais, ao mesmo tempo que, mudar rotinas de uma aula convencional necessita mais informação do contexto em questão. Essa investigação é complexa pois os recursos de livros didáticos são rasos quando se trata de localidade histórica. É necessário buscar outras fontes de pesquisa em documentos, museus, literatura, letras de música, de escritores e compositores locais.

A educação escolar precisa se tornar um componente importante na formação política do cidadão. (...) O cidadão, embora pertencendo à nação, tem no município suas raízes. É nele que ele nasce, cria seus filhos, trabalha; a relação fundamental da vida do cidadão ocorre, portanto, no município. Então, comecemos por ensinar nossos alunos a acompanhar os administradores municipais em sua atuação política; comecemos por ensiná-los a conviver com a realidade concreta dos municípios, pelo conhecimento da vida política administrativa, cultural e social de onde ele vive. Será através desse conhecimento que o cidadão poderá dimensionar sua real parcela de influência na transformação da realidade vivida. Tal envolvimento o levará à compreensão de sua importância e papel na transformação dos rumos da nação." (RODRIGUES, 1992, p. 43).

Ao constataremos a necessidade de uma atenção especial para as condições do ensino sobre esta temática local, da efetivação de pesquisas especialmente visando à produção do conhecimento Histórico de um lugar, detectamos a importância para o aprendizado dos estudantes, despertando interesse sobre suas origens. Seus patrimônios culturais devem cumprir a tarefa de lembrar a eles quem são. Tudo isso precisa ser lembrado, e para que isso aconteça se faz necessário expor aos estudantes da EMPFBS do ensino fundamental II (EFII) e fazê-los compreender e se reconhecerem nas praças e monumentos de sua região. Saber de onde você é diz muito sobre você, precisamos pertencer para sermos de uma comunidade.

Os lugares de memória, para Nora, vão do objeto material e concreto, ao mais abstrato, simbólico e funcional, desde um monumento fantástico aos símbolos:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o

extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (Nora, 1993, p. 21-22)

Sabemos que o espaço escolar é o lugar mais qualificado para inserirmos a discussão e a problematização do debate em relação a localidade como espaço de valorização de memória e a criação da identidade da população acerca da sua história local e patrimonial do município de Parnamirim – RN, diante de uma globalização que sufoca as experiências circunjacentes. Para tratar das questões de identidades e memórias, não seria possível excluir a relação com uma cultura local. O passado não é uniformizado, exclui qualquer forma de participação comunitária, ou de agentes sociais que não são os dominantes é uma infração a memória. No relato de Fonseca:

É interessante observar que há uma tentativa de legitimar pelo controle do ensino de História, a lógica política do Estado e da classe dominante, anulando a liberdade de formação e de pensamento da juventude homogeneizando a imagem destes sujeitos sociais, em torno da imagem do homem que melhor serve aos interesses do Estado e da Nação. (FONSECA, 1993, p. 61).

Precisamos compreender que o ambiente escolar é além dos conteúdos curriculares enrijecidos. Negar a participação dos alunos, excluir ou marginalizar seus conhecimentos prévios é uma forma de distanciar a aprendizagem qualitativa, pois é a partir do seu mundo individual que podemos partir para uma aprendizagem geral ou global do indivíduo, apresentarmos à comunidade o quanto eles são protagonistas da sua história é uma excelente estratégia para inserir o aluno pedagogicamente na construção do conhecimento e de sua consciência histórica. É importante darmos vozes aos alunos da EMPFBS.

Para o conhecimento do ambiente histórico escolar, tomamos a referência de Bittencourt, quando indica que:

O conhecimento histórico escolar é uma forma de saber que pressupõe um método científico no processo de transposição da ciência de referência para uma situação de ensino, permeando-se em sua reelaboração, com o conhecimento proveniente do “senso comum”, de representações sociais de professores e alunos e que são redefinidos de forma dinâmica e contínua na sala de aula. (BITTENCOURT, 1998, p. 25).

Nesta percepção, a história local é uma estratégia que necessita de uma continuidade e não de uma ruptura na vida dos educandos. Estudar questões locais é fundamental para que os alunos compreendam que a história de sua região

perpassa na história do restante do mundo.

O ensino de história local trata das especificidades das localidades, tem uma grande importância, pois ele pode de diferentes formas apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais. (PAIM e PICOLLI, 2007).

Ficamos com a ideia de que, a história local age como elo entre passado e o presente, exercendo a função de representar uma memória individual e coletiva que pode ser analisada como forma de apropriação do espaço e a significação do lugar, o que resulta na identidade da sociedade que está ligada a este lugar. Cabe perguntar por que alguns estudantes não reconhecem a importância da cidade de Parnamirim? Por que não se reconhece a importância dessa cidade para a Guerra Mundial na comunidade e nos livros? Como o processo da temática sobre ensino local está sendo lecionado na escola pública? Para isso, precisamos incentivar a visita dos jovens da EMPFBS e da comunidade local aos espaços culturais do município onde residem e incluir formações aos professores para que eles tenham autonomia e conhecimento de inserir os conteúdos diversificados na realidade educacional do aluno. Portanto, essa dissertação pretende contribuir com os grupos interessados na valorização de estudos sobre a História local como forma de resistência da memória e de identidade de um povo, sobretudo como ferramenta de aproximação do educando com a história nacional e mundial.

A construção da história como disciplina no nosso país foi baseada em uma cópia do currículo francês, a busca por igualar a identidade nacional e a questão de civilizar a população forjaram uma historiografia alimentada por personagens heróis para contemplar a ideia de uma nação brasileira no modelo Europeu já vigente fora da América. Para Nadai:

[...] em seu conteúdo foram determinados pelas idéias de nação, de cidadão e de pátria que se pretendiam legitimar pela escola. Veiculou-se, assim, um discurso histórico que enfatizava de um lado, a busca do equilíbrio social, e, de outro, a contribuição harmoniosa, sem violência ou conflito, de seus variados e diferenciados habitantes (e grupos sociais) para a construção de uma sociedade democrática e sem preconceitos de qualquer tipo. Assim, o passado foi valorizado na medida em que pode legitimar este discurso (NADAI, 1993, p. 149).

É interessante pontuar que, —a História como disciplina escolar autônoma surgiu no século XIX, na França, imbricada nos movimentos de laicização da sociedade e de constituição das nações modernas (NADAI, 1993, p. 144). O percurso que a matéria legítima é de um viés que busca um alcance de consciência de seu povo, de sua localidade, uma formação de uma sociedade autônoma e que traz na sua

essência a liberdade e, ao mesmo tempo, a formação de sua nação. A narrativa histórica no contexto escolar dá a possibilidade dos educandos trazerem na sua regra o sentimento de nacionalismo e pertencimento. Porém, quando voltamos a História para o lugar e para o objetivo que ela foi levada para a sala de aula nos deparamos com outra realidade, para isso François Furet (s/d):

Trata-se portanto de formar, através do ensino da história, uma ciência social geral, que ensine ao mesmo tempo aos alunos a diversidade das sociedades do passado e o sentido geral da sua evolução. Mas esse passado continua a ser «genealógico», escolhido em função daquilo que se pretende anunciar ou preparar: a Antiguidade clássica, a Idade Média cristã, a Europa moderna e contemporânea. As outras sociedades, espalhadas no espaço, são abandonadas a outras disciplinas. A história só concede a honra de se interessar por aquelas que participem da «evolução», que é o outro nome do progresso (FURET, s/d, p. 131).

Observamos que a construção da historicidade é bem limitada ao continente Europeu, a questão de focar apenas no espaço onde é aceito e reafirmando a ideia errônea de superioridade eurocêntrica e de uma história baseada em fatos absolutos.

2.4 O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL PARA COMPREENSÃO DE VIDA DO ALUNO

BRASIL, Lei nº 9.394/69 artigo 32 *apud* Vilma de Lourdes Barbosa (2006), define que a escola deve proporcionar:

[...] o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.¹³

Partimos desse ponto de vista que para construção da formação do educando no viés mais humano, trazer na sua essência o conhecimento de história local é relacionar seu cotidiano com o contexto histórico do passado. Como escreve NORONHA (2007), a história local dá ao aluno um referencial analítico para compreender a dinâmica social.

Partindo dessa perspectiva é que se considera que os conteúdos sejam trabalhados, de forma contextualizada com o seu momento histórico e relacionados com o momento atual. Sempre que possível, estabelecer relações com o cotidiano do

¹³ Lei de Diretrizes e Bases da educação nº 9.394/69 artigo 32.

aluno. Ao desenvolver atividades, procura-se motivar o aluno para as leituras, reflexões, esclarecimentos de dúvidas, oportunizando a defesa de suas ideias, a elaborações de sínteses e/ou conclusões. Além dos livros didáticos e/ou de apoio (livros especializados), utilizar sempre, como subsídios artigos de revistas, reportagens de jornais, obras literárias, letras de música, filmes os quais vão auxiliar na sistematização do conhecimento, bem como no processo ensino aprendizagem. (ROCHA, 2003).

Acompanhando esse raciocínio, aos professores ficam a importância de despertar em seus alunos os estímulos necessários para que eles interessem em aprender história, aumentando seus sentimentos críticos a partir da ótica de seu contexto social, e também a missão de desconstruir o que é apenas decorar memórias, fatos e datas. Pois é necessário trazer os conteúdos geradores do dia a dia para a disciplina. Para Rocha (2001), “É preciso que os professores tenham bem claro o papel da história no currículo escolar, para que ocorra uma renovação na prática educativa”.

Levar o aluno a discutir o conteúdo proposto é um meio eficaz de tornar o ensino mais prazeroso, garantindo também o aproveitamento das aulas. Paim e Picolli (2007) afirmam que:

[...] quando o professor consegue cativar seus alunos com assuntos que lhe chamam a atenção, com temáticas que o fazem refletir e associar o seu dia-a-dia com os conteúdos escolares, os conteúdos tornam-se mais compreensíveis. Desta forma, os alunos passam a gostar de aprender história.

O educador deve associar situações do passado com a vida comum do aluno para que ele possa desenvolver uma visão crítica da realidade que o cerca. "A valorização da história local é o ponto de partida para esse processo de formação do cidadão" (NOGUEIRA, 2001).

O ensino da história local trata das especificidades das localidades, tem uma grande importância, pois ele pode de diferentes formas apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, estudar e relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais. (PAIM; PICOLLI, 2007).

Conforme observamos acima, o ensino de história local é imprescindível para destacar a diversidade e multiplicidade de cada região, e sua principal função é fazer o elo entre o que sai de nosso lugar para o que estudaremos nos livros gerais, fazer essa ponte do micro para o macro é cruzar os conhecimentos e observar como eles se perpassam para a construção do conhecimento histórico crítico. “Existem sérias implicações quando se nega a participação popular na construção da história”

(BARBOSA, 2006).

Ao negarmos a participação da comunidade local na história nacional, nós estamos elitizando as narrativas e afirmando que só se destaca na sociedade que protagonizou atos vultuosos idealizados por uma corrente onde os movimentos ganham vozes por trazerem situações de cima para baixo, porém a história é feita por todos os grupos que deixaram vestígios por onde passaram. A máxima importância da localidade se encontra em contemplar e suplementar os estudos da população estudantil com analogia entre o que se vive e o que se viveu.

Segundo ROCHA (2003, p.50):

Um dos caminhos a serem trilhados, para que o ensino de História seja mais eficaz e interessante, é oportunizar ao aluno o contato com documentos de diferentes épocas, com textos produzidos por autores especializados, a leitura e interpretação de obras literárias, pinturas, gravuras, textos jornalísticos que tenham sintonia com os conteúdos enfocados.

Ausência da história local nos programas nacionais livros didáticos e a relação com a BNCC é uma barreira que enfrentamos para a consolidação dessa aprendizagem significativa sobre a localidade são os currículos oficiais, buscamos analisar a base nacional comum curricular (BNCC) de história e o currículo do estado do Rio Grande do Norte, em torno da seleção dos conteúdos com o olhar voltado para o regional. Em muitos casos, nós encontramos a parte regional como forma diversificada para o EFII. A história local só é tida como obrigatória nos anos iniciais do ensino fundamental I, e quando os discentes avançam para o EFII, a parte da regionalidade/localidade é amparada como parte diversificada do currículo e ficando a critério do professor e do tempo a lecionar para seus alunos, mas será que diante de um documento rígido e conteudista resta tempo para a parte diversificada?

Diante do exibido, pode –se entender o currículo para o contexto educacional de acordo com Elizabeth Macedo (2006, p. 289) implica em —todo um conjunto de saberes culturais legitimados, uma cultura eleita que é função do projeto educacional transmitir. Deste modo, a legitimação do currículo está atrelada a uma cultura que é hierárquica, logo, na medida em que atende determinadas demandas, suprime outras. Neste sentido, o currículo, apesar de geralmente primar por igualdade social é ideologicamente sobrecarregado de diferenças. A problemática acerca do conhecimento sistematizado e engessado dos currículos leva a um vácuo da realidade vivenciada sobre a história da comunidade que habita aquele espaço geográfico, ou

seja, os discentes da EMPFBS.

Buscamos a priori analisar o currículo do estado do Rio Grande do Norte para avaliar como o estado trabalha em sala de aula sua localidade.

Segundo o documento curricular do estado do Rio Grande do Norte com o direcionamento para o componente curricular da disciplina de história:

Um outro conceito importante nesse processo é o de professor pesquisador. Esse deve ser entendido com base em uma dupla dimensão: a primeira é a do trabalho em sala de aula, como construtor do conhecimento junto aos alunos, por meio do método histórico e do seu uso como ferramenta de questionamento das realidades cotidianas locais; a segunda dimensão relaciona-se ao constante processo de reflexão e atualização de seu fazer docente, tornando a sala de aula um espaço para a aplicação de novas experiências, assim como o lócus de suas investigações. Desse modo, incentiva-se o professor à busca pela pesquisa constante sobre a história do lugar e do estado, incentivando assim também os alunos a desenvolver e viver sua própria história.¹⁴

O documento é muito claro quando menciona a parte da realidade dos alunos como primordial para o desenvolvimento da aprendizagem significativa e incentiva o professor a investigação, sobretudo, no que tange a disciplina de história, o grande desafio dessa prática é a busca por fontes históricas que falem e deem suporte ao que se é visto nos programas nacionais de livro didático (PNLD), e somando a pauta temos a questão do tempo hábil para trabalharmos os conteúdos oficiais obrigatórios definidos por um currículo oficial baseado na nossa base educacional, a nova (BNCC). Ao final do que se é proposto para a efetivação do conhecimento chegar até os discentes existe uma grande dificuldade no percurso, pois o PNLD, dificilmente, traz em seu livro assuntos locais, afinal, é feito para contemplar estudantes de todo o Brasil, deixando essa janela a cargo de uma busca específica do professor, que por sua vez, já tem uma grande gama de conhecimentos enrijecidos e oficiais para passar para os alunos em formato de aulas sistematizadas do ano letivo. É necessário chamar a atenção para o homem comum fazedor de história e da diversidade da sociedade atual, o protagonismo histórico onde os alunos se enxerguem parte do processo de protagonistas conscientes do seu tempo, é a busca investigativa do cotidiano para o aperfeiçoamento de uma comunidade estudantil crítica e atenta às suas necessidades.

Considera-se que um bom livro didático deve propiciar uma visão de História segundo uma perspectiva crítica. Ao realizar a sua escolha deverão ser avaliados os embasamentos teóricos; a fidedignidade; a verdade histórica; o estímulo à curiosidade; a pesquisa e a criatividade; a realização de uma abordagem global e específica; a oportunidade de reformulação de ideias e

¹⁴ Documento curricular oficial do estado do Rio Grande do Norte para o componente curricular de História do ensino fundamental II. CURRÍCULO RN, 2020, p.975.

conceitos; bem como o uso de uma narrativa clara; simples; mas que incentive o desenvolvimento de habilidades. (ROCHA, 2003, p.40).

O fazer história no século XIX baseava –se em uma corrente positivista onde a análise social precisava de um critério documental, de uma continuidade de um passado absoluto e verdadeiro, e colocando a ciência da humanidade no lugar preso e amarrado ao tempo cronológico linear sem grandes possibilidades para um olhar que auxiliasse os diversos grupos inseridos em determinados períodos da história. Hoje, com o avanço de pesquisas e ampliação das fontes históricas, o sujeito histórico é múltiplo, e isso possibilitou a reavaliação do protagonismo histórico aumentando a participação da população antes renegada pelos padrões hierárquicos cristalizados. A visibilidade da comunidade escolar está atrelada a essa mudança nos padrões historiográficos, que beneficiam o acesso a uma história local com mais participação de pessoas comuns, através de uma ampla corrente que busca um diálogo mais próximo entre professores e estudantes. Ao mesmo tempo, que acessar esses conteúdos, ainda há uma grande lacuna pois não são tratados como obrigatoriedade pelos currículos oficiais nacionais da educação.

A proposta da BNCC para os anos iniciais do ensino fundamental I:

A proposta para o ensino de História nos Anos Iniciais, conforme previsto na BNCC, é antes de mais nada possibilitar a construção do sujeito histórico em um processo em que o estudante possa ser instigado a identificar, interpretar, contextualizar, fazer análises do seu lugar no mundo e nas diferentes configurações de vínculos na família, na escola e na comunidade. Sendo assim, os estudos históricos são fundamentais para a construção da identidade social do indivíduo, uma vez que podem possibilitar a percepção dele como sujeito protagonista da própria história e de sua comunidade, identificando também as relações dos diferentes grupos humanos em tempos e espaços distintos, as diferentes formas de trabalho e a relação com a natureza, os processos migratórios e os registros da história em diferentes linguagens e culturas. (BRASIL, 2018, p. 977)¹⁵

A Obrigatoriedade é vista na base comum curricular para o ensino fundamental I da educação básica, a história local é o ponto de partida para a formação da identidade do discente, em constante construção de sua trajetória escolar para a busca de consolidação da memória do educando e formando seu caráter crítico e sua inserção como participe da história de sua comunidade local.

Destarte, o ensino de história local ganha significado e importância no ensino fundamental, exatamente pela possibilidade de introduzir e de prenciar a formação de um raciocínio histórico que contemple não só o indivíduo, mas a coletividade, apreendendo as relações sociais que ali se estabelecem, na realidade mais próxima.

¹⁵ Documento curricular oficial do estado do Rio Grande do Norte citando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os anos iniciais do ensino fundamental I.

BARBOSA (2006).

A proposta da BNCC para os anos finais do ensino fundamental II:

A proposta para os Anos Finais está pautada nos procedimentos básicos no processo de ensino e aprendizagem em História, à luz da BNCC: identificação dos eventos considerados importantes na História do Ocidente (África, Europa e América, especialmente no Brasil e Rio Grande do Norte), ordenando-os de forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico; estabelecimento de condições para que os estudantes compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais e imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de várias linguagens; e, por fim, identificação, reconhecimento e interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, avaliando hipóteses e argumentos com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias. (BRASIL, 2018, p. 978)¹⁶

A BNCC para os anos finais do ensino fundamental II da educação básica traz como uma forma complementar a parte diversificada das regiões diversas brasileiras, a importância de uma continuidade na formação da aprendizagem do educando não são inseridas nos currículos oficiais deixando um vácuo nessa suplementação do conhecimento, uma vez que deixa de ser prioridade, o conteúdo passa por uma situação de negligência educacional como aponta a Base, a prioridade fica para a história de formato integrada com o viés eurocêntrico e pinceladas de um anexo paralelo a estudos da América e África. Mas diante de uma sociedade globalizada, onde sobrar espaço para a identidade e pertencimento do aluno da escola pública Brasileira? A busca incessante para que seja garantida a inserção dos conteúdos de forma obrigatória da localidade com o objetivo de fornecer ao alunado uma educação de sua cultura local e a permanência do direito de resistir a memória de um povo e sua diversidade. A história local é encontrada em todo cotidiano da comunidade e ela precisa ser ensinada e valorizada dentro do currículo escolar.

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos". (SAMUEL, 1990, p. 220).

Para finalizarmos as considerações acerca do currículo Oficial do Rio Grande do Norte e a BNCC, peguemos o trecho em que cita a contemplação dos estudos das

¹⁶ Documento curricular oficial do estado do Rio Grande do Norte citando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os anos finais do ensino fundamental II.

culturas afro – brasileiras e indígenas.

Por fim, o Documento Curricular do Rio Grande do Norte para o ensino de História atende à Lei n. 11.645/08, pois contempla estudos das culturas afro-brasileiras e indígenas, e também dialoga com a BNCC, na medida em que valoriza a história local, estadual e do cotidiano. Propõe ainda o trabalho didático com documentos históricos expressos em diferentes linguagens e inclui entre os conteúdos a problematização, os objetos de conhecimento, as habilidades estabelecidas pela BNCC e as sugestões didáticas. (BRASIL, 2018, p. 977)

A instauração do regime liberal-democrático no Brasil resultou na aprovação de uma nova Constituição Federal (CF). A promulgação da CF de 1988 traz um novo marco para o processo educacional brasileiro, que traz consigo as marcas de democratização, a partir de seu artigo 206, inciso VI e direito à educação, em que aponta em seu artigo 205, que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. No ano 1995, acontece em Brasília a Marcha Zumbi dos Palmares, sob a égide da luta pelo reconhecimento e igualdade da população negra. Mesmo com toda repercussão nacional que o movimento alcançou, isso não foi considerado no processo de elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, e na elaboração dos Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Isso demonstra o caráter conservador nas instâncias educacionais na década de 90 (AGUIAR, 2019). A implementação na LDB de acesso a lei antirracista em 2003, Se por um lado, a Lei nº 10.639/2003 traz a obrigatoriedade da inserção da temática nos currículos da Educação Básica em instituições públicas e privadas. Por outro, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL,2017) alcança protagonismo, uma vez que é o documento responsável por organizar os currículos da Educação Básica.¹⁷

O documento segue com a intenção de suplementar outro viés histórico integrado a visão Eurocêntrica, mas ainda é falho quando afirma a valorização e aponta a conexão que deve ser feita com a BNCC, pois a prática e efetivação do conhecimento local para o alcance de uma aprendizagem significativa da realidade que os cerca ainda é uma busca incessante do professor, englobando aqui os estados e municípios, os conhecimentos específicos são muito rasos e sucintos. Nós educadores necessitamos de um auxílio maior, formações para aperfeiçoarmos a mudança necessária e trazer em definitivo para a realidade da sala de aula de história o conhecimento essencial para atender as especificidades da Lei de diretrizes e bases da educação (LDB) no tocante as culturas afro – brasileiras e indígenas e a história

¹⁷ Acessado no site: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/6739-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf, em maio 2022.

local.

[...] o cidadão, embora pertencendo à Nação, tem no município suas raízes. É nela que ele nasce, cria seus filhos, trabalha; a relação fundamental da vida do cidadão ocorre, portanto, no município. Então começemos por ensinar nossos alunos a acompanhar os administradores municipais, em sua atuação política; começemos por ensiná-los a conviver com a realidade concreta dos municípios, pelo conhecimento da vida política, administrativa, cultural e social de onde ele vive. Será através desse conhecimento que o cidadão poderá dimensionar sua real parcela de influência na transformação da realidade vivida. Tal envolvimento o levará à compreensão de sua importância e papel na transformação dos rumos da nação. (RODRIGUES, 1992, p.62).

Neste panorama o papel do professor é fundamental na construção do saber histórico, uma vez que “a história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.” (FONSECA, 2005). É importante compreender o papel do cidadão crítico e ativo dentro de sua comunidade pois é imprescindível ser atuante no cenário político local para melhor posicionar – se diante das situações do cotidiano e buscar uma cidade com mais garantias, direitos e acesso para seus moradores. A escola é o local mais indicado para essa necessidade, o lugar mais seguro para aprender a aprender, é nela que seus alunos devem se enxergar como participantes da sociedade que os cerca e através dela forjam situações para o desenvolvimento de uma história da localidade mais horizontalizada, onde os sujeitos da comunidade interagem com consciência e convicção de sua importância para o crescimento de um ambiente igualitário.

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos”. (SAMUEL 1990, p. 220).

E por fim, buscamos alcançar o entendimento da história local como uma ferramenta eficaz para auxiliar os componentes curriculares e transversalizados na aprendizagem dos discentes, afinal, ela é encontrada em todos os lugares e reverbera no dia a dia de toda coletividade circunjacente. O Ensino História local, na perspectiva de Alves (2006), proporciona ao aluno entender a sua vida dentro de representação temporal que conecta o passado, presente e futuro.

O ensino de história local mostra - se como um ponto de partida para uma aprendizagem mais próxima da realidade e busca perpassar com histórias de outras sociedades, é um caminho para a compreensão do micro para o macro dos povos históricos, do regional para o nacional. Uma história menos homogênea, múltiplas vozes, especificidades de determinados sujeitos históricos, mais valorização do

patrimônio histórico de sua comunidade, a de Parnamirim, e suas veias interligadas a história de fundação da cidade por intermédio de uma localização estratégica para uma Guerra de projeção mundial, onde veio facilitar a formação do município independente da capital do estado do Rio Grande do Norte, a cidade de Natal. Hoje, com a ampliação das fontes históricas e a valorização da metodologia da história Oral (HO), nós temos como tirar desse espaço da localidade e da própria população uma identidade do aluno e, a partir dessa compreensão do seu mundo particular, buscar a valorização de uma historicidade individual e coletiva.

3. ESPAÇOS DE MEMÓRIA.

3.1 PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL E OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA

O entendimento sobre patrimônio cultural começou a aparecer no início século XX no Brasil, a preocupação da nova sociedade republicana era encontrar ou forjar uma identidade nacional, a busca pelo patrimônio histórico cultural era fundamental para realização dessa necessidade, e com essa pretensão de valorizar uma formação de identidade nacional que foram criadas as medidas para garantir proteção através de órgãos a preservação de bens culturais. A primeira referência de lei sobre resguardar os patrimônios é a Constituição Brasileira de 1934, que estabeleceu os alicerces constitucionais para a defesa do patrimônio cultural nacional, ao instituir a função social da propriedade como princípio (art. 133, inciso XVII) e ao dispor em seu art. 134 que: Os monumentos históricos, artísticos e naturais, assim como as paisagens ou locais particularmente dotados pela natureza, gozam de proteção e dos cuidados especiais da Nação, dos Estados e dos Municípios. Os atentados contra eles cometidos serão equiparados aos cometidos contra o patrimônio nacional (MIRANDA, 2018).

Em 30 de novembro de 1937, foi autorizado um novo decreto - lei nº 25. No artigo primeiro tem a seguinte informação sobre o que seria Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:

Art. 1º Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1937)

§ 1º Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico o artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o art. 4º desta lei.

Art. 4º O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional possuirá quatro Livros do Tombo, nos quais serão inscritas as obras a que se refere o art. 1º desta lei, a saber:

1) no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular, e bem assim as mencionadas no § 2º do citado art. 1º.

2) no Livro do Tombo Histórico, as coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica;

3) no Livro do Tombo das Belas Artes, as coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira;

4) no Livro do Tombo das Artes Aplicadas, as obras que se incluírem na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras. (BRASIL, 1937, sem paginação).

Analisando o artigo primeiro do decreto de nº 25 nos deparamos com o conceito de patrimônio e como ele será resguardado em nosso país e o que será de importância para fazer parte do tombamento, o que de fato assegura e protege os imóveis e obras. Seguindo no artigo 4º desse mesmo decreto, nós verificamos as etapas e divisões para o livro do tombamento – é um instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural - para inscrever e classificar obras que farão parte do acervo nacional resguardados juridicamente, pois depois de inscritas no livro do tomo qualquer modificação de sua estrutura deverá ser comunicado ao órgão responsável, o serviço de patrimônio histórico e artístico nacional (SPHAN).

No ano de 1940 foi sancionado o Decreto-Lei 2.848 do código penal, que segundo o Art. 165. Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa tombada pela autoridade competente em virtude de valor artístico, arqueológico ou histórico: Pena - detenção, de seis meses a dois anos, e multa, de um conto a vinte contos de réis. Logo, qualquer dano a valor artístico, arqueológico ou histórico era vedado na forma da lei.

Em 1970 influenciados por uma política estrangeira, houve a ideia de modernizar o conceito de preservação, que passou a se chamar instituto histórico e artístico nacional (IPHAN), o termo é conhecido como órgão responsável por questões de tombamento até o presente momento.

O conceito de patrimônio cultural recebe maior visibilidade quando na constituição promulgada de 1988 é assegurado os bens materiais e imateriais de um povo, o nível mais alto de proteção realizado em nosso país, algo do passado que se faz presente rompendo a barreira do tempo e guardando através da memória uma representação de valor comum de uma nação. Como bem salientado por Carlos Frederico Marés acerca das várias conquistas alcançadas com a nova ordem constitucional:

A novidade mais importante trazida em 1988, sem dúvida, foi alterar o conceito de bens integrantes do patrimônio cultural passando a considerar que são aqueles “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Pela primeira vez no Brasil foi reconhecida, em texto legal, a diversidade cultural brasileira, que em consequência passou a ser protegida e enaltecida, passando a ter relevância jurídica os valores populares, indígenas e afro-brasileiros. A tradição constitucional anterior marcava como referência conceitual expressa a monumentalidade e ao abandonar esta referência, o que a Constituição atual deseja proteger não é o monumento, a grandiosidade de aparência, mas o íntimo valor da representatividade nacional, a essência da nacionalidade, a razão de ser da cidadania (MIRANDA, 2018).

As mudanças que agregam a constituição Federal de 1988 no tocante a questão do Patrimônio Cultural Nacional são abrangedoras pois carregam na forma

da lei, os conteúdos de representatividade da matriz de formação do nosso povo, tais como questões indígenas e afro – brasileiras, valorizando a cultura heterogênea e dando a devida importância a aspectos populares imbuídos na sociedade Brasileira.

Segundo Carlos Frederico Marés:

A inclusão de todos estes conceitos na nova Constituição brasileira não é apenas um avanço jurídico, no sentido de inovar na matéria constitucional, mas traz efetivas alterações nos conceitos jurídicos de proteção: 1. consolida o termo “patrimônio cultural” que já era usado internacionalmente e estava consagrado na literatura brasileira, mesmo oficial, mas não na lei; 2. cria formas novas de proteção, como o inventário, registro, vigilância e 3. Possibilita a inovação, pelo Poder Público, de outras formas, além do tradicional tombamento e da desapropriação. Além disso, o texto constitucional, ele mesmo, declara tombados bens que considera relevantes para o patrimônio cultural brasileiro, como os documentos e sítios dos antigos quilombos. (MARÉS, 1999, p. 23).

Todo esse trajeto feito por decretos e constituições promulgadas constituíram a base para fomentação de um aparato legal habilitado de assegurar o patrimônio nacional brasileiro.

Segundo o Art. 216 da constituição federal:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988, sem paginação).

Conforme aponta a constituição, o patrimônio cultural é um conjunto de referências que traz o pertencimento de um povo, uma identidade de uma nação, estado ou município que imbuídos de um sentimento múltiplo, e podendo diferenciar-se enquanto região e localidade, é nesse pertencimento e multiplicidade que vamos trabalhar este conceito, salientar na comunidade local seus bens materiais e imateriais, o seu Centro Cultural Trampolim da Vitória (CCTV) como uma estrutura física para lembrar a população circunjacente e outras, o seu passado, sua interseção com o Estados Unidos da América e a Grande Guerra mundial, movendo uma comunidade a querer agregar seus conhecimentos culturais, envaidecer seu presente através de aprendizado histórico vivenciados no passado, em um tempo não tão distante do que encontramos na cidade de Parnamirim de hoje, são muitas referências ao momento de Grande Guerra observados no município, e para essa sociedade local, o CCTV é o espaço ideal para preencher de sentimentos e memórias de um tempo onde Parnamirim foi um ponto estratégico fundamental para a Segunda Guerra Mundial.

Mostrar o espaço de memória de uma sociedade, que através do reconhecimento de seus bens culturais forjam uma identidade local. Essa ponte de interação da população e seus bens culturais traz uma euforia acerca de seu passado e saltando para o presente como força de memória e resistência de uma localidade que contará com orgulho sua construção e desenvolvimento para a sua formação histórica.

A Convocação dos cidadãos para a responsabilidade de preservação dos bens culturais deverá favorecer uma maior inteiração com a comunidade, visto que a educação patrimonial é de urgência e prioridade para a construção de uma sociedade que reconhece e valoriza sua história.

O grande desafio para educação é de como trazer essa multiplicidade cultural para a sala de aula? Como tornar a cultura um instrumento pedagógico?

Segundo o IPHAN:

(...) a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (FLORÊNCIO et al., 2014).

A educação patrimonial deve ser construída por uma ação coletiva que busca trazer no cidadão o pertencimento e o conhecimento sobre seus bens culturais, o indivíduo precisa aprender essas referências culturais com afetividade e que carregue sentido para sua vida cotidiana. É importante os conceitos sobre as questões de tombamentos e inventários e a importância da escola de levar essa temática para as aulas, aproximar o alunado a temas que façam eles entenderem o funcionamento da participação da sociedade com a preservação e valorização de seu patrimônio local e tornando o indivíduo protagonista de sua historicidade. Como avalia Denyse Emerich - coordenadora de Programa Educativo da Pinacoteca de São Paulo. "A aproximação do indivíduo ao seu patrimônio pela educação que, no caso do museu, se dá pelo acervo, está ligado à aproximação do indivíduo com a sociedade. Se o museu traz, como a Pinacoteca, um acervo nacional, você passa a entender seu pertencimento, algo produzido por sua comunidade e que te inclui".

A educação patrimonial permite conhecermos melhor o mundo em que vivemos, possibilita ampliar a aprendizagem de sua riqueza cultural, aproxima o

indivíduo de sua história criando vínculos com seu espaço regional, sem critérios de exclusão social pois dá importância ao cotidiano é manter viva toda comunidade, afinal, tudo é cultura. Assim, estamos originando uma geração futura mais consciente de sua participação social.

Em um país tão diverso quanto desigual, reforçar a potência dos saberes e culturas de determinado espaço ou comunidade, pode ter um papel determinante na desconstrução de estigmas e preconceitos há muito arraigados. Desfazer hierarquias entre alta cultura letrada e saberes populares e trazer à tona conhecimentos soterrados, pode ser um processo profundamente transformador.

Dentro do processo educativo, tornar o ambiente escolar e o espaço de convivência das pessoas um espaço educativo, além de legitimar os discursos, aumenta as chances de sucesso do processo e fortalece os membros da comunidade tornando visível a cultura que produz. (MORAN, 2016).

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.

Resgatar o patrimônio cultural dos nossos municípios através dos elementos que fazem cada lugar e definem a identidade cultural dos seus habitantes, não só é uma responsabilidade para com o passado histórico dessas comunidades, mas fundamentalmente com seu futuro (ITAQUI, 1998, p. 17).

Para entender o surgimento, o desenvolvimento e o comportamento de um grupo social, de uma cidade ou até mesmo de um país, é preciso conhecer sua história, compreender seu passado e entender os detalhes que a transformaram no que ele é hoje.

Dessa forma, o patrimônio cultural contribui para o resgate das raízes socioculturais de um povo, permitindo que este mesmo povo possa compreender de onde vêm, suas memórias e identidade de forma coletiva.

Além disso, quando analisamos a questão do ponto de vista individual, fica claro que, cada pessoa é altamente influenciada pela cultura em que está inserida. Sendo assim, o patrimônio histórico cultural, tanto de natureza material como imaterial, oferece a cada um de nós, individualmente, a oportunidade de compreendermos como o meio em que estamos inseridos nos molda e nos faz ser quem somos. A valorização do patrimônio cultural é uma das principais formas de

manter viva a história e a memória de todos os povos que contribuíram e contribuem para a existência do mundo que conhecemos hoje (PONTES, 2021).

Ao priorizarmos os patrimônios culturais estamos forjando um elo entre as memórias e as identidades de um povo, uma vez que exploramos os nossos bens materiais ou imateriais como forma de aproximarmos nossa riqueza cultural, trazemos a população a lembrança de seu passado e uma oportunidade de se engrandecer com seus feitos, compreender seus monumentos, praças e centros comunitários entre outros localizados na região. O passado e o presente são ferramentas que devem caminhar juntas para que não esqueçamos das nossas origens. A melhor didática para estimular a educação patrimonial dentro de uma educação básica é mostrando como é importante reconhecer e valorizar o que nos rodeia, viabilizar os conhecimentos prévios dos educandos e da comunidade, ofertar os novos conhecimentos agregando aos aspectos que rodeiam o bairro, o ambiente onde a escola está inserida. A junção de cotidiano mais patrimônio histórico é o engendramento do conhecimento necessário para que os discentes alcancem e protejam seus bens materiais e imateriais, sem que seja, por uma obrigação de lei ou penal, mas por um relacionamento estreitado que poderá adquirir em sala de aula.

3.2 MEMÓRIA E OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA DE PARNAMIRIM

Os patrimônios culturais são o ponto de partida para qualquer memória visto que através deles podemos salientar o percurso da construção da sociedade atual que habita na localidade de Parnamirim. A identidade da comunidade é preservada por uma memória coletiva que busca ligar antigo e contemporâneo utilizando de ferramentas como os patrimônios para solidificar sua cultura e seu povo. Segundo Halbwachs relata:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS 1990, p. 25)

Diante do já mencionado, os Patrimônios são ferramentas imprescindíveis para a acionamento de uma memória sobre algo que já foi experimentado, através do reavivamento dessa, nós podemos recriar as lembranças de um grupo, trazer de forma mais segura e legítima seu passado para o presente, e somado a essa ação fortalecer a identidade, pertencimento da comunidade, que deve enxergar em suas

raízes, um impulso coletivo para compreensão e reconhecimento de sua origem, preservação do seu passado adquirindo a materialidade necessária para fomento da memória. O município de Parnamirim tem vários símbolos de resistência na atualidade, pois ao passearmos pela cidade nos deparamos com várias situações que relembra o tempo de Guerra, nós observamos que os transportes coletivos traz na sua frota o nome de como a região supracitada ficou conhecida no mundo no período do conflito mundial, o comércio local entre outros serviços públicos ou privados soltam aos montes para quem passa no município nordestino, que não deixa apagar da memória seu momento de guerra. Na figura 6, podemos analisar as referências que existem no município de Parnamirim do período de Segunda Guerra, a frota de ônibus transita carregando a marca do passado pelas ruas da cidade e da capital do estado, a cidade de Natal.

Essas características da localidade associadas aos conteúdos programáticos curriculares obrigatórios do 9º ano do ensino fundamental II do componente da disciplina história, é um agente facilitador e agregador, primeiro por auxiliar no cotidiano do alunado onde ele enxerga os serviços do seu bairro vinculados aos momentos históricos e segundo por acumular os conhecimentos prévios aos debates históricos na sala de aula.

Figura 6. Ônibus carregando a marca do passado.



Fonte: Eliane Medeiros, 2022.

Segundo Pedro Paulo Funari (2009), a importância da Preservação do Patrimônio Cultural pode ser associada a memória coletiva e individual, pois é através da memória que nos orientamos para compreender o passado, o comportamento de um determinado grupo social, cidade e nação. O avivamento da memória também contribui para a formação de identidade, resgate de raízes, está ligada formação

cultural e econômica de um povo. “uma vez que entendemos o patrimônio cultural como lócus privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade” (PELEGRINI, 2007: p.1).

Conforme Pelegrini (2006), as noções de patrimônio cultural estão vinculadas às de lembrança e de memória, que são fundamentais no que diz respeito a ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função da relação que mantêm com as identidades culturais. Os patrimônios culturais são as ferramentas necessárias para alimentarmos as nossas memórias.

De acordo com Le Goff (1990), a memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana. O passado só permanece “vivo” através de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o indivíduo passa a compartilhar suas experiências, tornando com isso a memória “viva” (ALBERTI, 2004: p. 15).

Jacques Le Goff (1996) conceitua a memória como um conjunto de informações psíquicas que atualizam e conservam impressões ou informações do passado. Memória, portanto, é o fenômeno que dá vida ao passado, da consciência abstrata do que aconteceu. Essa memória pode acontecer de forma coletiva ou individual.

Segundo Pollak (1992), a memória pode ser classificada como seletiva, pois nem tudo de fato fica registrado. Ela acaba por sofrer algumas alterações que ocorrem como consequência do momento em que ela está sendo articulada. Com isso pode-se dizer que a memória é construída, podendo ser essa construção consciente ou não.

A importância de se estudar e reconhecer a memória como um fazedor imprescindível para a formação da identidade de um indivíduo ou grupo, as possibilidades de acesso ao passado conservando informações de outros tempos e momentos. Ao usarmos os patrimônios culturais como aparato de auxílio de memória no município de Parnamirim, nós buscamos engajar a comunidade na sua história alinhada com a Grande Guerra Mundial. A inauguração em 2019 do CCTV, que carrega um acervo remontando o período da passagem dos americanos do norte e as suas influências deixadas no município. O centro é necessário para a fomentação da identidade e pertencimento da localidade sendo visto como um símbolo de

reconstrução de parte de sua história cultural. Hoje, o CCTV é localizado no antigo aeroporto da cidade, que foi desativado na época da copa do mundo de 2014 deixando obsoleta a estrutura erguida outrora pelos americanos do norte. O antigo Aeroporto Augusto Severo, abriga a herança de um recorte histórico de Guerra, que deve ser explorado não só pela comunidade circunjacente, mas também como ponto turístico, de resistência e participação do nordeste no conflito de projeção mundial. Na figura 6, observamos as instalações do CCTV.

Figura 7. Centro Cultural Trampolim da Vitória.



Fonte: PORTALN10, 2022.

Lowenthal, por sua vez, ao afirmar que a memória, assim como a história, é uma forma de alcançar o passado, enfatiza que esta é fonte de identidade tanto pessoal quanto coletiva. No indivíduo, a perda da memória destrói a personalidade e priva a vida de significado, já os grupos, “mobilizam lembranças coletivas para sustentar identidades duradouras, da mesma forma que os instrumentos legais conferem às companhias e às propriedades privadas imortalidade em potencial” (LOWENTHAL, 1998, p. 84). Para o autor, relembrar o passado é essencial para o sentido de identidade, porque “saber o que fomos confirma o que somos” (p.83).

A identidade está ligada a memória, elas não separam pois é a principal formadora de uma identidade social. Emerge quando buscamos nossas lembranças tanto individual quanto coletiva. Dentro de uma perspectiva cultural, temos o conceito

definido por Silva (2012), a identidade depende da diferença, são elementos do mesmo processo, definidos através de sistemas classificatórios.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas [...] Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos materiais e simbólicos da sociedade (SILVA, 2012, p.81)

Segundo o posicionamento de Silva, é importante destacar que os locais que ocupam os sujeitos por ordem de classe não é um campo pacífico pois a hierarquia social define sua posição identitária. A identidade e a diferença são construções sociais e culturais sendo desdobramento das relações linguísticas para formação desta é preciso ser nomeadas e instituídas por atos de fala.

O fenômeno da globalização é o esmagador de identidade segundo HALL (2011), desta forma criam tensões entre o local e o global, este conflito gera uma instabilidade cultural quando pensamos em uma sobressaindo sobre a outra. Nesse caso, a local, nacional ficam comprometida por meio de um poder cultural universal.

O que, então, está poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais, agora, no fim do século XX? A resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo “globalização” [...] desde os anos 70, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações. (HALL, 2011, p.67).

Sem dúvida, as bases históricas da globalização econômica e cultural no mundo assentam-se na inculcação de padrões universalizantes e de modelos ocidentais de organizações societárias. Se, como assinala Alain Touraine²³, o etnocentrismo europeu estimulou uma cisão imaginária entre os povos “desenvolvidos” e os “subdesenvolvidos”, reforçada pela noção de modernidade, considerada “triunfo da razão” e responsável pelo aniquilamento de identidades e tradições distintas das práticas ocidentais, o colonialismo europeu, para legitimar suas formas de poder sob os povos colonizados, principalmente na América, na Ásia e na África, utilizou “artifícios abalizados por construções discursivas que “permitissem ‘fabricar’ peça a peça a inferioridade de suas vítimas”²⁴ e de suas respectivas culturas. Tal feito foi possível porque a evangelização e a educação exerceram funções essenciais na “negação das identidades culturais” diferentes das europeias.²⁵

²³ TOURAINE, A. Critique de la modernité. Paris: Fayard, 1993.

²⁴ MARIN GONZÁLEZ, op. cit., p. 85.

²⁵ Cf. José Marin Gonzáles, a evangelização no continente americano marca a primeira fase período da imposição do etnocentrismo europeu deflagrada entre os séculos XV e XVIII. “Os indígenas, considerados como “pagãos” durante a evangelização, convertem-se, nos termos da dominação

Talvez, um dos maiores impasses a serem enfrentados e superados pela sociedade atual esteja cravado na necessidade de digerirmos as diferenças e fomentarmos a tolerância à pluralidade, cada vez mais, ávida por explorar as “fronteiras culturais” e os antigos limítrofes sociais.²⁶ Buscamos uma cultura local se faz urgente diante de tantos desafios impostos por barreiras geográficas construídas outrora, a importância de seus patrimônios, memória e identidade é algo indissociável para comunidade pertencer a uma região. Quando nos referimos ao conceito de patrimônio, apreendido como expressão mais profunda da “alma dos povos” e como “legado vivo” que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, admitimos que o patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentido de pertencimento dos indivíduos a um ou mais grupos.²⁷

Nesse contexto de vivências alcançadas pela a interação do objeto com o indivíduo social remontam lembranças acessadas através da memória buscando fortalecimento de seu elo com seu lugar de origem. Sobre essa ótica, Flávio Leonel A. Silveira e Manuel F. Lima Filho:

(...) um objeto ou uma coisa sempre remete a alguém ou algum lugar, permanecendo como um elemento de uma paisagem (o casarão do século XVII; a velha figueira; o pilão; o Ford modelo 1929), ou mesmo de uma paisagem corporal (um colar de esmeraldas proveniente do Novo Mundo; um bracelete de ouro da Roma Antiga; um sapato à Luís XIV; um cocar Yanomami; um vestido de Marilyn Monroe) . É nesse sentido que é possível falar numa memória que impregna e restitui “a alma das coisas, referida a uma paisagem (inter) subjetiva onde o objeto (re)situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória”.²⁸

E para finalizarmos vamos ementar Halbwachs e Bosi com suas considerações sobre memória coletiva.

Para o autor, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito. O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não

ocidental, em “selvagens” que “hão” de ser civilizados. Depois, a ritualização do batismo será sucedida pela alfabetização em castelhano ou em português, línguas impostas pelos colonizadores. Nesse sentido, a escola converter-se-ia numa poderosa arma para a instituição das culturas e das línguas oficiais. Op. Cit., 86.

Informações acessadas de Sandra Pelegrini, O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas.

²⁶ Informações acessadas de Sandra Pelegrini, O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas.

²⁷ ²⁷ Informações acessadas de Sandra Pelegrini, O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas

²⁸ Idem, ibidem, p. 39.

necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum própria do grupo. A lembrança, para Halbwachs, é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, na medida em que porta o "sentimento do já visto". É reconstrução, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais.

Diante da visão de Halbwachs sobre memória coletiva, observamos que memória deixa de ter dimensão apenas por um sujeito, mesmo ele carregando sua subjetividade, ela precisa estar inserida em um contexto social e cultural para que possa ser validada como lembrança. Ou seja, ela depende de uma ação realizada no passado por um grupo de convivência social, e essa lembrança se faz viva através das relações afetivas dos grupos fazendo um diálogo entre o passado e o presente, podemos visitar nossas múltiplas memórias, e é através delas que recriamos ações vivenciadas no passado de forma não linear, não sequencial e cristalizada, uma narração pessoal, mas reconstruída pelo indivíduo em seu meio. Chegamos ao entendimento que memória coletiva para esse autor é um fenômeno social de infinitas possibilidades evocada por um grupo de referência afetiva fornecendo lembrança viva de uma determinada comunidade.

4. PRODUTO EDUCACIONAL DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A história local possui uma grande diversidade e sua introdução dentro dos conteúdos programáticos de História possui grande importância na aprendizagem dos alunos. No entanto, a ministração de aulas sobre a história local apenas com o objetivo de inseri-la no currículo contribui apenas para a manutenção da distância entre o sujeito e história. De acordo com Cerri (2008), a inserção da história local deve ser feita de tal forma que a sua abordagem contribua para um enfrentamento entre a artificialidade da História construída e as experiências dos indivíduos.

Dentro do cotidiano escolar é possível observar a falta de conexão entre o que é ensinado e a história local. Produzindo assim uma falsa conclusão, por parte dos alunos, que tal aprendizado pode ser desnecessário e obsoleto. Muitos alunos questionam o porquê da necessidade de estudar determinados conteúdos dentro da disciplina de História cujo contexto está muito distante das suas próprias realidades. Esses alunos não compreendem por que necessitam estudar sobre fatos históricos que não tem relação com a sua própria história. De acordo com Brasilino (2021), uma das dificuldades de fazer essa conexão entre história geral e local muitas vezes ocorre devido à falta de material sobre os fatos históricos locais disponível nas escolas que possam ser utilizados como material didático.

Dessa forma, na perspectiva de compreender qual seria a melhor estratégia para utilizar a história local como ferramenta para a ministração das aulas de História na escola municipal Professora Francisca Bezerra de Souza, município de Parnamirim, foram conduzidas discussões entre as alternativas disponíveis. Durante tais discussões, nosso objetivo foi priorizar a relação teoria e prática que deve existir para que os alunos se apropriem do conhecimento histórico e deem significado a um conhecimento macro dentro de um contexto encontrados nas suas próprias realidades e vivências. Dessa forma analisamos as diferentes perspectivas para melhor contextualização do conteúdo.

Inicialmente, foram coletados dados gerais a partir dos professores da escola municipal Professora Francisca Bezerra de Souza e durante as discussões entre os pesquisadores do grupo de estudo com os colegas do Prof.história. Após a coleta

desses dados, foram identificados tanto dados da história local que poderia ser utilizada no nosso projeto, quanto as diferentes formas que essa história local poderia ser inserida no contexto de sala de aula, incluindo o workshop, o fórum, produção de material áudio visual, produção de material impresso, entre outros. Além disso, sondagens, durante as ministrações das aulas de História, foram realizadas entre os alunos para avaliar o conhecimento dos alunos sobre as histórias do município de Parnamirim.

Nesse contexto, e após analisar as necessidades dos alunos da escola municipal Professora Francisca Bezerra de Souza, município de Parnamirim, RN, observamos que uma parte importante da história do município de Parnamirim, não estava inserida dentro do currículo escolar desses alunos: a história de Parnamirim e seu envolvimento com a Segunda Guerra Mundial, um dos conteúdos do currículo dos alunos do ensino fundamental II. Assim delimitamos esse fato da história local como objetivo do nosso projeto. Dessa forma, decidimos pela produção de um *Folder* “Parnamirim *Field*: a importância do território brasileiro para a história da Segunda Guerra Mundial” (ANEXO 01) para ser utilizado como parte do material utilizado na proposta didática do presente trabalho.

O Parâmetro Curricular Nacional de História enfatiza a necessidade da história local na qual o aluno está inserido nas dinâmicas das atividades propostas pelos professores. Ele propõe que:

Que o professor: valorize, inicialmente, os saberes que os alunos já possuem sobre o tema abordado, criando momentos de trocas de informações e opiniões; avalie essas informações, identificando quais poderiam enriquecer seus repertórios e suas reflexões; proponha novos questionamentos, informe sobre dados desconhecidos e organize pesquisas e investigações; selecione materiais de fontes de informação diferentes para que sejam estudados em sala de aula; promova visitas e pesquisas em locais ricos em informações; proponha que os estudos realizados se materializem em produtos culturais, como livros, murais, exposições, teatros, maquetes, quadros cronológicos, mapas, etc. O professor deve ter consciência de que as produções dos alunos não são semelhantes àquelas construídas pelos historiadores nem devem dar conta de explicar a totalidade das questões que, possivelmente, poderiam decorrer de estudos mais sofisticados. (BRASIL, 1998, p. 53).

Tendo isso em vista, diferentes ferramentas didáticas foram pensadas como forma de inserir a história local no ensino de História, valorizar os saberes dos alunos, promover tais visitas e pesquisas em locais ricos em informações; propor que os estudos dos alunos sejam traduzidos em produtos finais, como proposto pelos PCN. Nossa conclusão foi que o uso de uma sequência didática é a ferramenta ideal capaz de agregar todos esses objetivos.

A sequência didática proposta nesse trabalho tem como público-alvo alunos do nono ano do ensino fundamental II e será composta por seis encontros, onde um deles, o último encontro terá como objetivo avaliar as aprendizagens desenvolvidas a partir dessa proposta pedagógica.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 1998) um aspecto importante no ensino de História é a consideração da experiência dos alunos e professores, sua realidade social, o contexto da comunidade escolar e seus referenciais históricos, sociais e culturais. Além disso, de acordo com a BNCC, as experiências dos alunos, suas memórias, seu pertencimento a um grupo, dentre outros aspectos são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas, produzindo um pensamento criativo e crítico, possibilitando aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo e das relações dos seres humanos.

A principal motivação da produção de uma sequência didática voltado para o ensino e história sobre a Segunda Guerra Mundial foi a percepção durante a prática docente da ausência da história local como contexto para a ministração desse conteúdo.

De acordo com MUYLAERT (2019), o Brasil foi um participante ativo durante a Segunda Guerra Mundial, não sendo apenas uma base aérea que servia para receber os aviões vindos da guerra para manutenção, hospedagem dos soldados, como local de abastecimento das frotas americanas, mas também como território de batalhas entre os aviões norte-americanos e os submarinos alemães nas costas brasileiras. A presença do Brasil, como suporte, foi um aspecto importante e sem essa aliança os aliados provavelmente poderiam ter perdido batalhas durante o decorrer da guerra, podendo gerar resultados imprevisíveis para a história mundial. Além dos aspectos relacionados ao conflito, O município de Parnamirim teve consequência enormes durante e após a guerra devido à presença das tropas americanas no território nacional tanto na cultura como na perspectiva socioeconômica.

No entanto, durante a prática de ensino, percebi a ausência do conhecimento, por parte dos alunos, da participação e a importância da cidade de Parnamirim dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial. Nesse cenário, a produção dessa sequência didática é uma estratégia a ser empregada no ensino da história da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, auxiliar os docentes com o currículo escolar e com na inserção da história local dentro do

contexto geral. A sequência didática tem uma grande importância na educação, possibilitando ao aluno um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

4.2. A UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE EDUCAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

De acordo com Santos (2021), o conhecimento histórico não é adquirido apenas na escola e o ensino de História precisa ir além do livro didático, sendo importante considerar os espaços não-formais como locais de complementação da aprendizagem, considerando assim a vivência e a realidade dos alunos no processo educativo. O uso desses espaços não-formais, como por exemplo museus, centros locais de memórias, praças e monumentos, pode ser uma boa ferramenta para a inserção da história local no ensino de História.

A educação está para além dos limites das instituições formais de ensino. A educação não-formal desenvolve-se fora do ambiente escolar, em instituições que proporcionam a aprendizagem por meio da interação com o ambiente (GOMES *et al.*, 2010). De acordo com Trilla, Ghanem e Arantes (2008), a educação também se verifica na rua, no cinema, nas bibliotecas, nos museus, assistindo televisão, navegando na internet, dentre inúmeros outros espaços não classificados tradicionalmente como espaços formais de educação.

De acordo com Lorenzetti & Delizoicov (2001, p. 51)

Se a escola não pode proporcionar todas as informações científicas que os cidadãos necessitam, deverá, ao longo da escolarização, propiciar iniciativas para que os alunos saibam como e onde buscar os conhecimentos que necessitam para a sua vida diária. Os espaços não formais compreendidos como museu, zoológico, parques, fábricas, alguns programas de televisão, a Internet, [...], constituem fontes que podem promover uma ampliação do conhecimento dos educandos. As atividades pedagógicas desenvolvidas que se apoiam nestes espaços, aulas práticas, saídas a campo, feiras de ciências, por exemplo, poderão propiciar uma aprendizagem significativa contribuindo para um ganho cognitivo."

Práticas pedagógicas que valorizem as saídas do ambiente escolar, tais como visitas a um museu ou uma pesquisa no bairro, conhecer cidades históricas, dentre inúmeros outros ambientes não-formais de ensino geram a oportunidade para todos se colocarem diante de situações didáticas diferentes. Esse tipo de atividade envolve uma metodologia de pesquisa e de organização de novos saberes, sendo uma atividade didática que possibilita o estabelecimento de relações ativas e interpretativas, relacionadas diretamente com a produção de novos conhecimentos

obtidos dentro de contextos reais. Diferentes dos conteúdos históricos empacotados, predefinidos (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que atividades que envolvam o estudo do meio através de atividades fora do ambiente escolar geram aprendizagens diferentes daquelas aprendidas em sala de aula:

O estudo do meio, como recurso didático, favorece uma participação ativa do aluno na elaboração de conhecimentos, como uma atividade construtiva que depende, ao mesmo tempo, da interpretação, da seleção e das formas de estabelecer relações entre informações. Favorece, por outro lado, a explicitação de que o conhecimento é uma organização específica de informações, sustentado tanto na materialidade da vida concreta como a partir de teorias organizadas sobre ela. Favorece, também, a compreensão de que os documentos e as realidades não falam por si mesmos; que para lê-los é necessário formular perguntas, fazer recortes temáticos, relacioná-los a outros documentos, a outras informações e a outras realidades. Favorece, ainda, a compreensão de que o conhecimento organizado faz parte de uma produção de um pesquisador ou de um grupo de pesquisadores, a partir de informações e de ideias de muitos outros estudiosos, e é criado num tempo específico, a partir de perguntas escolhidas e formuladas ao longo de um processo. (BRASIL, 1997, p. 62).

Com base nisso, pensamos em produzir uma sequência didática, que além de proporcionar o contato com o conteúdo previsto no currículo de História relacionados a segunda guerra mundial, contivesse momentos onde o aluno pudesse sair das salas de aulas e vivenciar uma parte da história da segunda guerra que aconteceu no seu município, fazendo parte da história local em um ambiente não formal de educação como o Centro Cultural Trampolim da Vitória. Dessa forma, além de interagir com a história, o aluno poderia, a partir dos eventos pertencentes a história do seu município extrapolar, contextualizar os eventos maiores que aconteceram em conflitos em outras regiões do mundo.

4.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Um das competências gerais da educação básica, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, é

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2018, p. 9)

Dessa forma, estruturar as aulas dentro de uma estrutura investigativa de modo que propicie um espaço para essa reflexão e discussão é de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem. O estudo de determinados conteúdos pode ser feito através de processos investigativos. Assim, elaborar uma sequência de aula a partir de uma pergunta tema a partir da qual os alunos possam buscar respostas através de etapas organizadas por parte dos professores, de modo que o aluno construa seu conhecimento ao longo do desenvolvimento das aulas pode ser uma metodologia empregada nesse objetivo. Assim, entendemos que a utilização de uma sequência didática pode ser utilizada pelos professores nesse objetivo.

A sequência didática (SD) é o modo de organização sistemática das atividades de ensino, onde os conteúdos são vistos em etapas (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004), assemelhando-se a um plano de aula, porém sendo mais abrangente, utilizando diferentes abordagens e metodologias de ensino (KOBASHIGAWA *et al.*, (2008). De acordo com Zabala (2010), em uma SD o conteúdo e as atividades são organizados de forma ordenada e articulada com o objetivo de facilitar a aprendizagem, possibilitando o professor saber se e quando intervir.

Uma sequência didática precisa conter sequências com objetivos específicos, determinando a função das atividades no processo de aquisição de conhecimentos dos alunos. Ela organiza as variáveis da prática educativa, onde as atividades devem ser articuladas e específicas para cada proposta didática (ZABALA, 1998). Ela permite reflexão e a inclusão dos conhecimentos aprendidos na prática do dia a dia, gerando assim, um aluno crítico de sua própria realidade.

De acordo com Ugalde e Roweder (2020), o planejamento da SD deve considerar a relação entre os alunos durante o desenvolvimento das atividades, bem como a relação professor/aluno. Além disso, deve-se observar o papel desempenhado por cada envolvido no desenvolvimento das atividades, a articulação entre os conteúdos e a maneira com que eles foram articulados e organizados ao

longo da sequência, os espaços utilizados, os recursos didáticos e a avaliação. De acordo com esses autores, todo esse planejamento é necessário e tem como objetivo o êxito das atividades no processo de ensino-aprendizagem. Esses autores afirmam que a utilização da SD apresenta um caráter dinâmico e possibilita o professor entrar em contato com o conhecimento prévio do aluno, a avaliar a evolução dos alunos durante o desenvolvimento das atividades, além de visualizar os aspectos daquele conteúdo que ainda precisam ser trabalhados para consolidar a aprendizagem.

De acordo com Zabala (2010), o planejamento das atividades que serão empregadas durante a sequência didática e a ordem que elas são desenvolvidas são importantes por que além de cada uma ter uma intenção educação específica, a partir dessa ordenação é possível fazer uma caracterização preliminar e observar a melhor forma de ensinar tal conteúdo

O produto educacional chamado Sequência Didática Parnamirim Field produzido como parte do material para a dissertação de Mestrado Profissional em história da universidade de Pernambuco – campus Nazaré da Mata pode ser observado no anexo 02 e foi construída a partir de uma adaptação do modelo de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Sequência Didática Parnamirim *Field*

Identificação

Disciplina: História

Turma: 9º Ano

Tema que será trabalhado: Segunda Guerra Mundial

Objetivo da SD

O objetivo desta sequência didática é apresentar os alunos os fatos históricos referentes a Segunda Guerra Mundial e permitindo que eles possam relacionar com sua história local possibilitando aos estudantes a compreender a relação entre a história geral e a história local.

Em cada etapa dessa sequência didática, os alunos serão apresentados aos fatos históricos, terão atividades de discussão, visualização de mapas, filmes e uma visitas ao Centro Cultural Trampolim da Vitória, em Parnamirim. Dessa forma o estudante reconhecerá os países envolvidos no conflito, a emergência dos movimentos fascista e do nazista, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio, bem como o envolvimento do Brasil nos fatos históricos relacionados,

podendo assim a obter uma visão crítica a respeito dos principais momentos do conflito.

Objetivos de aprendizagem

- Compreender os fatos históricos antecedentes a segunda guerra mundial
- Contextualizar e caracterizar a Segunda Guerra Mundial, suas consequências para a Europa e para o mundo.
- Compreender as políticas de genocídio praticadas pelos nazistas e os principais grupos

socialis afetados

- Compreender e discutir o racismo nazista
- Compreender a importância do território nacional brasileiro e do município de Parnamirim (RN) para os resultados da segunda guerra mundial

Habilidades da BNCC a serem desenvolvidas (EF09HI13)

Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto). (EF09HI13)

Conteúdo a serem trabalhado:

- Conceituais:
 - Fatos históricos que precederam a Segunda Guerra Mundial
 - Nazismo e Fascismo
 - Conflitos
 - Alianças entre os países durante o conflito
 - Mundo pós-guerra
- Procedimentais
 - Elaboração de um banner sobre a importância do Brasil na Segunda Guerra Mundial
 - Apresentação do banner
- Atitudinais:
 - Racismo nazista: a importância de valorizar a diversidade

Organização dos alunos: Os alunos devem ser organizados em grupos de 4 alunos ou mais, dependendo da quantidade de alunos por turma.

3.2.1 Etapas de uma sequência didática

Encontro 01: Produção Inicial (Diagnóstica)

Duração: 50 minutos

Objetivo: Avaliação dos conhecimentos e capacidades prévias dos alunos para possíveis ajustes na dinâmica das atividades a serem desenvolvidas na SD.

Local: sala de aula.

Atividades: Discussão em sala de aula e produção de uma redação individual abordando o que é, onde fica, quando foi construído e qual foi a função de Parnamirim *Fieled*.

Encontro 02: Apresentação da situação de estudo

Duração: 1 hora e 40 minutos

Objetivo: Contextualização e exposição dos conteúdos e das tarefas que serão desenvolvidas por parte dos alunos.

Material Utilizado: Quadro Branco, piloto, computador, software Power Point, Projetor.

Atividades:

1. Exposição do conteúdo sobre a segunda guerra mundial e introdução breve sobre Parnamirim Field: nessa etapa da SD o *Folder* sobre a importância do município de Parnamirim, RN, para a segunda guerra mundial pode ser utilizado como material didática nas durante a exposição do conteúdo;
2. Exposição por parte do professor da situação problema:
3. Explicação por parte do professor sobre as etapas da SD, as atividades que serão desenvolvidas, produção do banner por parte dos alunos e sobre a exposição final do banner.

Encontro 03: Exibição do filme “O menino do pijama listrado”

Duração: 1 hora e 40 minutos

Objetivo: Contextualização dos fatos históricos relacionados com a segunda guerra mundial e com a Alemanha nazista.

Material Utilizado: Quadro Branco, piloto, computador, Filme “O menino do pijama listrado” e projetor.

Atividades:

1. Exposição do filme “O menino do pijama listrado”

2. Discussão sobre o filme abordando o tema racismo nazista e sobre a importância do respeito pela diversidade.

A escolha do filme se deve ao fato de ele possuir a classificação para maiores de 12 anos, o que se enquadra com o público alvo da presente Sde possui a duração de uma hora e 30 minutos, tempo inferior a duração do tempo de aula. Além disso, o filme, que foi dirigido por Mark Herman e tem o roteiro de John Boyne e Mark Herman, conta a história, que se passa na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, do menino Bruno de 8 anos, é filho de um oficial nazista. Bruno não tem conhecimento sobre o que realmente seu pai faz. Ele faz amizade com um garoto de mesma idade chamado Shmuel, que usa sempre um pijama listrado e está vive do outro lado de uma cerca eletrificada.

A exibição desse filme serve de instrumento didático para trazer a discussão sobre o nazismo e o racismo contra os judeus, bem como iniciar uma discussão sobre o respeito a diversidade.

Encontro 04: Saída de campo – Visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória

Duração: 1 hora e 40. No entanto os alunos precisam da liberação dos horários das outras disciplinas, utilizado no deslocamento.

Objetivo: possibilitar aos estudantes a conhecerem mais a fundo a história de Parnamirim Field e a importância da cidade de Parnamirim (RN) para a segunda guerra mundial. Além disso, com a visita é possível estimular o reconhecimento dos objetos antigos e seu potencial como contadores de história; propiciar aos estudantes espaço de ensino e aprendizado não formal, o promove uma aprendizagem mais eficiente na educação infantil, permitindo o contato com o conteúdo na prática e diferente daquele que pode ser alcançado em sala de aula;

Um outro objetivo importante desse momento da sequência didática é o de explorar o potencial educativo desse centro histórico e o estímulo ao diálogo que esse tipo de atividade estimula entre os alunos, professores, colegas, familiares e comunidade sobre como sua história local é parte de um evento mundial tão importante para a história.

Material Utilizado: Meio de transporte, lápis, canetas, cadernos e câmeras fotográficas

Atividades: Visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória (CCTV).

O CCTV (Figura 8) conta a história da aviação na região de Natal (RN) e está localizado no antigo Aeroporto Augusto Severo. Foi inaugurado em 2001 e é fruto de

uma parceria da Prefeitura de Parnamirim com a Força Aérea Brasileira (LOPES, 2021).

No Centro Cultural Trampolim da Vitória, de acordo com Prefeitura de Parnamirim, os estudantes poderão observar diversos os equipamentos e acervos que contam a história de Parnamirim Field através de fotos, quadros e equipamentos como simulador de voo, carro de bombeiros, cinema, helicóptero, avião, vestimentas dos militares da época, incluído o traje do primeiro astronauta brasileiro, ambiente com fotos com hologramas de personagens que fizeram parte desta história.

Figura 8. Centro Cultural Trampolim da Vitória.



Fonte: COSTA, 2021.

Encontro 05: Cenário local x Cenário Global

OBJETIVO: Contextualização do município de Parnamirim no cenário da segunda guerra mundial

MATERIAL UTILIZADO: Cartolinas ou papel madeira, caneta, lápis, tesouras, colas, hidrocor, lápis de cor, barbantes, fita dupla face, fita adesiva, fotos impressas obtidas na Internet, texto sobre a história sobre a cidade de Parnamirim durante e nos pós-guerra obtidos previamente na Internet.

ATIVIDADES: Produção de um banner por parte dos alunos sobre a importância da cidade de Parnamirim para a segunda guerra mundial.

Encontro 06: Avaliação da aprendizagem – Exposição visual

Objetivo:

ATIVIDADES:

1. Exposição e apresentação do material produzido pelos alunos no encontro 05 e avaliação do progresso dos alunos por parte do professor.
2. A atividade será realizada no pátio da escola, ou em outro espaço da escola que possibilite a circulação dos alunos diante dos banners. Os alunos apresentaram seus banners para os alunos de outras séries, para seus professores e para qualquer participante da comunidade escolar que tenha interesse.

Material Utilizado: Cartolinas ou papel madeira, caneta, lápis, tesouras, colas, hidrocor, lápis de cor, barbantes, fita dupla face, fita adesiva e banner produzido na etapa anterior.

Atividades: Os alunos devem expor seus banners nas paredes do pátio da escola. Cada grupo fica ao lado do banner e durante o período que tiver ouvintes, os alunos contam a história do seu banner, sobre a construção do mesmo, a visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória e sobre a importância do município de Parnamirim, RN, para a história mundial.

4.4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARNAMIRIM *FIELD: PRÁTICA E CONSIDERAÇÕES*

Essa sequência didática foi desenvolvida na escola municipal Professora Francisca Bezerra de Souza, no município de Parnamirim, RN. A turma na qual ela foi desenvolvida foi uma turma de 30 alunos do 9º ano do ensino fundamental sobre o tema Segunda Guerra Mundial.

Os objetivos de ensino e aprendizagem dessa sequência didática visaram um aprofundamento gradativo e contextualizado sobre a Segunda Guerra Mundial, de modo a apresentar aos alunos os fatos históricos referentes a Segunda Guerra Mundial, permitindo que eles pudessem relacionar esses fatos históricos com a sua própria história, possibilitando aos estudantes compreender a relação entre a história geral e a história local. Dessa forma o estudante pôde utilizar o contexto histórico do seu município para compreender sobre os países envolvidos no conflito, a emergência dos movimentos fascista e do nazista, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio, bem como o envolvimento do Brasil nos fatos históricos relacionados.

Dessa forma, era esperado que o aluno possa obtivesse uma visão crítica a respeito dos principais momentos do conflito. Podendo:

- Compreender os fatos históricos antecedentes a segunda guerra mundial
- Contextualizar e caracterizar a Segunda Guerra Mundial, suas consequências para a Europa e para o mundo.
- Compreender as políticas de genocídio praticadas pelos nazistas e os principais grupos

sociais afetados

- Compreender e discutir o racismo nazista
- Compreender a importância do território nacional brasileiro e do município de Parnamirim (RN) para os resultados da segunda guerra mundial

Desenvolvendo com base no desenvolvimento dessa SD sobre a Segunda Guerra Mundial a habilidades da BNCC (EF09HI13), que espera que o aluno seja capaz de descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).

Para isso utilizamos diferentes recurso como instrumento metodológico. Durante o desenvolvimento da sequência didática, subdividimos o tema em módulos que podem ser observados no Quadro 01.

QUADRO 1: Módulos, objetivos e atividades da Sequência Didática Parnamirim Field

Modulo	Objetivo	Atividades
1. Avaliação Diagnóstica	Avaliação dos conhecimentos e capacidades prévias dos alunos para possíveis ajustes na dinâmica das atividades a serem desenvolvidas na SD	Produção de uma redação individual abordando o que é, onde fica, quando foi construído e qual foi a função de Parnamirim Field e discussão em grupo sobre o tema
2. Contextualização e exposição dos conteúdos	Contextualizar o tema que será desenvolvido durante a SD.	Exposição e discussão sobre o conteúdo, exposição da situação problema e das etapas e atividades que serão desenvolvidas durante a aplicação da SD.
3. Racismo nazista: importância de valorizar a diversidade	a Contextualização dos fatos históricos relacionados com a segunda guerra mundial e com a Alemanha nazista.	Exibição do filme “O menino do pijama listrado”
4. Parnamirim Field	Possibilitar o conhecimento da história local e a importância da cidade de Parnamirim (RN) para a segunda guerra mundial; estimular o reconhecimento dos objetos antigos e seu potencial como contadores de história.	Saída de campo – Visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória
5. Contextualização do município de Parnamirim no cenário da segunda guerra mundial	Relacionar a historia local com a história presente nos livros didáticos	Produção de <i>banners</i>
6. Feira Cultural e Avaliação	Desenvolver a capacidade de falar em público e a capacidade de repassar o conteúdo aprendido. Além disso, compartilhar os conhecimentos construídos com outros alunos, professores e comunidades, bem como estimular este intercâmbio de informação entre as turmas, auxiliando no desenvolvimento social do aluno	Apresentação de um banner sobre a importância do Brasil na Segunda Guerra Mundial

A aplicação da SD foi desenvolvida durante as aulas de História, com atividades pedagógicas integradas a recursos tecnológicos disponíveis na escola, como vídeos e computadores e uso de espaços educaticos não-formais, buscando incentivar os estudantes a serem criativos, dialogar sobre os conteúdos trabalhados, relacionando os fatos da história geral com os fatos ocorridos no seu município e possíveis consequências socioculturais e econômicas que ainda podem ser obsrvada na cidade de Parnamirim. Além disso, buscamos desenvolver aptidões de pesquisa e ampliar as

fontes de informações e conhecimentos dos alunos.

A SD foi desenvolvida durante o período de 14 horas/aulas que foram ministradas pela professora-pesquisadora responsável pelo presente estudo e por guias durante a visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória, em Parnamirim. A Sequência Didática foi aplicada durante o segundo bimestre do ano letivo de 2022, durante os meses de maio e junho.

A pesquisadora investigou, a partir de uma abordagem qualitativa, a eficiência dos recursos utilizados na sequência, com base no desempenho dos estudantes. Para isso, os alunos participaram de uma discussão em sala de aula e produção de uma redação individual abordando o que é, onde fica, quando foi construído e qual foi a função de Parnamirim Field (texto diagnóstico), com o objetivo de diagnosticar as percepções dos alunos antes da aplicação da SD sobre a participação da cidade de Parnamirim nos eventos relacionados a Segunda Guerra Mundial no seu cotidiano. Foi realizado também uma avaliação desses alunos, por parte da professora/pesquisadora, durante as apresentações dos *banners*, na feira cultural, que aconteceu na última etapa da SD, com o objetivo de analisar o nível de aprendizagem dos estudantes após aplicação da SD.

Durante a realização do encontro 1 da SD, os alunos produziram uma redação individual sobre que é, onde fica, quando foi construído e qual foi a função de Parnamirim Field. Em seguida, os alunos foram divididos em grupos de quatro alunos e dentro desses grupos foi realizado uma discussão inicial, sobre o tema. Durante esta etapa, algumas perguntas foram feitas aos alunos, com o objetivo de incentivar a participação e auxiliar na rememoração dos conhecimentos prévios desses alunos. Esse momento pedagógico ocorreu em sala de aula e teve a duração de duas horas aula, e teve como objetivo avaliar os conhecimentos e capacidades prévias dos alunos para possíveis ajustes na dinâmica das atividades a serem desenvolvidas na SD.

No segundo encontro, realizamos a contextualização e exposição dos conteúdos e das tarefas que seriam desenvolvidas por parte dos alunos. Para isso, foi utilizado quadro branco, piloto, computador, software Power Point, projetor. Nesse momento realizamos a exposição do conteúdo sobre a Segunda Guerra Mundial e introdução breve sobre Parnamirim *Field*. Nessa etapa da SD o *Folder* sobre a importância do município de Parnamirim, RN, para a Segunda Guerra Mundial (ANEXO 1) foi utilizado como material didático durante a exposição do conteúdo. Para

facilitar a aprendizagem dos alunos, durante a aula teórica foi utilizado, além das imagens presentes no *folder*, sobre a participação do município de Parnamirim na Segunda Guerra Mundial, diversas imagens em “Power Point” sobre a história local, bem como sobre a história geral da Segunda Guerra. Em seguida, dentro dos grupos formados na primeira etapa, os alunos discutiram sobre como a participação de Parnamirim foi importante para os acontecimentos da Segunda Guerra mundial e também sobre características, comportamentos e outras consequências que ainda é possível se observa na Cidade de Parnamirim.

No terceiro encontro, foi exibido do filme “O menino do pijama listrado” com duração uma hora e 40 minutos. O objetivo de trabalhar esse filme com os alunos foi contextualizar os fatos históricos relacionados com a segunda guerra mundial e a Alemanha nazista. Durante essa etapa, após a exibição do filme, foi feita uma discussão sobre o filme, abordando o tema racismo nazista e a importância do respeito pela diversidade de culturas, religiões, raça e qualquer tipo de diversidade apresentado entre as diferentes comunidades humana.

Escolhemos o filme “O menino do pijama listrado” devido ao fato dele se enquadrar perfeitamente para uma contextualização sobre o nazismo e o racismo contra os judeus, bem como iniciar uma discussão sobre o respeito a diversidade. O filme conta a história, que se passa na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, do menino Bruno de 8 anos, é filho de um oficial nazista. Bruno não tem conhecimento sobre o que realmente seu pai faz. Ele faz amizade com um garoto de mesma idade chamado Shmuel, que usa sempre um pijama listrado e está vive do outro lado de uma cerca eletrificada. Além disso, o filme possui a classificação para maiores de 12 anos, o que se enquadra com o público alvo e possui a duração de uma hora e 30 minutos, tempo inferior a duração do tempo de aula.

O encontro quatro foi o momento didático no qual utilizamos o espaço não-formal de educação. Nessa etapa realizamos a visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória (FIGURA 10), com uma duração de uma hora e 40. De acordo com Gomes *et al.* (2010), a importância do uso dos espaços não-formais no processo de ensino aprendizagem esta no fato de que eles proporcionam a aprendizagem por meio da interação com o ambiente.

FIGURA 10: Fotos obtidas durante a visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória e Parnamirim, RN.



Fonte: Eider Damasceno.

Essa saída do ambiente escolar proporcionou uma ampliação do que diz respeito a obtenção de informações científicas. As informações e aprendizagens obtidas durante a visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória produzem maior iniciativa por parte dos alunos na busca pelo conhecimento, colocando o aluno no centro do processo de ensino aprendizagem, sendo ele também um construtor do conhecimento, saindo da posição de aluno passivo receptor. Dessa forma, esse alunos puderam ampliar seu conhecimento, desenvolver uma metodologia de pesquisa, organizar esses novos saberes, estabelecer relações ativas e interpretativas, relacionar esses novos conhecimentos, obtidos dentro de contextos, reais com os fatos históricos presentes nos seus livros didáticos. Dessa forma é possível potencializar a obtenção de uma aprendizagem muito mais significativa.

Um outro motivo importante desse momento da SD foi a possibilidade de explorar o potencial educativo desse centro histórico e o estímulo ao diálogo que esse tipo de atividade estimula entre os alunos, professores, colegas, familiares e comunidade sobre como sua história local é parte de um evento mundial tão importante para a história.

Durante essa etapa da SD foi utilizado lápis, canetas, cadernos e câmeras fotográficas, com os quais os alunos realizaram suas pesquisas de campo, cujos resultados foram utilizados para a produção do banner que foi apresentado em uma etapa posterior.

Durante o quinto momento pedagógico da SD, realizado em sala de aula, os alunos, organizados em grupos de seis alunos, produziram um banner por grupo sobre a importância da cidade de Parnamirim para a segunda guerra mundial. Cada grupo recebeu um sub-tema que seria o foco do seu grupo:

1. Fatos históricos antecedentes a Segunda Guerra Mundial;

2. Segunda Guerra Mundial e suas consequências para a Europa e para o mundo;
3. Nazismos: genocídio e os principais grupos afetados;
4. A importância do território nacional brasileiro e do município de Parnamirim (RN) para os resultados da Segunda Guerra Mundial;
5. Consequências socioculturais e econômicas da participação do Município de Parnamirim para a população e a economia local.

Para isso, os alunos utilizaram cartolinas ou papel madeira, caneta, lápis, tesouras, colas, hidrocor, lápis de cor, barbantes, fita dupla face, fita adesiva, fotos impressas obtidas na Internet, texto sobre a história sobre a cidade de Parnamirim durante e nos pós-guerra obtidos previamente na Internet.

No encontro seis, último momento da SD, os alunos organizaram, expuseram e apresentaram os *banners* produzido no encontro 05. Além disso, durante a apresentação foi realizada a avaliação do progresso dos alunos por parte do professor. Essa atividade foi realizada no pátio da escola e os alunos apresentaram seus *banners* para os alunos de outras séries, para seus professores e para qualquer participante da comunidade escolar que compareceu a Feira Cultural.

Cada grupo ficou ao lado do seu *banner* e durante o período que tinham ouvintes, os alunos contam a história do seu banner, sobre a construção do mesmo, a visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória e apresentaram fatos sobre o subtema que ficaram responsáveis.

Nossas análises das redações produzidas durante o primeiro encontro, utilizadas para uma avaliação diagnóstica, mostrou que mais de 80% dos alunos não tinham conhecimento da participação da sua cidade na Segunda Guerra Mundial. Alguns desses alunos afirmaram que conhecer esse fato gerou maior curiosidade sobre a Segunda Guerra Mundial. Um outro momento durante o desenvolvimento da SD que também despertou essa curiosidade nos alunos foi durante a discussão após a exibição do filme “O menino do pijama listrado”. Alguns alunos afirmaram que tiveram uma grande curiosidade sobre o nazismo, sua origem e quais grupos foram perseguidos. Outros alunos esboçaram a curiosidade sobre o porquê de “uma criança ter direito a liberdade e a outra não”, “por que existe essas diferenças no mundo”, “quem decide quem é melhor do que o outro” ou até “por que um é melhor do que o outro?”. Através dessas questões, e de outros questionamento por parte dos alunos, foi possível gerar um debate sobre a diversidade entre os seres humanos e a

importância do respeito por essa diversidade.

SILVA *et al.* (2020) afirma que quando essa curiosidade é gerada no aluno por uma situação estimulante, que confronte o conhecimento prévio do aluno com a situação em questão o indivíduo é motivado a buscar mais conhecimento. De acordo com PATRÍCIO; MATOS (2011), a curiosidade possui papel fundamental no “saber” do ser humano. Ela estimula a pergunta, estimulando assim sua capacidade buscar o conhecimento estimulado pela dúvida que a curiosidade provoca. O processo de ensino aprendizagem precisa provocar no aluno uma curiosidade crescente.

Ao final da nossa análise observamos que o a aplicação da SD pode contribuir para o ensino da História através do uso de informações e fatos da história local que estão relacionados com o conteúdo presente nos currículos de História e que a sequência didática é uma ferramenta que possibilita uma melhor estruturação da produção do conhecimento, colocando o aluno como integrante do processo de ensino-aprendizagem e como produtor do seu próprio conhecimento. Dessa forma, acreditamos que a SD pode auxiliar na promoção de uma educação integral e libertadora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa originou-se a partir da percepção, durante a prática do ensino de História, da ausência da história local dentro do currículo escolar. Tais inquietações nos levou a pensar em materiais e metodologias adequadas que pudessem mitigar essa carência.

Nesse sentido, foi investigado a percepção dos alunos, durante a ministração das aulas de História, sobre seus conhecimentos sobre a história local do município de Parnamirim e as relações que essa história tem com o conteúdo que eles têm aprendido nas aulas de História. A partir dessa análise prévia, percebemos a riqueza da história local, sua ausência no contexto de sala de aula, e os potenciais usos dessa história como o objetivo de minimizar a distância entre o contexto do aluno e os conteúdos presentes no currículo de História, bem como diminuir a artificialidade da História construída e as experiências dos indivíduos.

Uma estratégia educacional que possibilitaria o uso da história do município de Parnamirim, RN, é a sequência didática (SD). As SDs organizam o ensino dos conteúdos de forma sequencial, divide a construção do conhecimento em etapas, nas quais os alunos são instigados a debater, investigar, questionar e produzir seu próprio conhecimento, a partir das mediações do professor. Dentro das nossas análises iniciais, percebemos que o uso de uma sequência didática possibilitaria diferentes perspectivas para a inserção da história local no ensino de história do ensino fundamental II.

No entanto, um fator importante percebido durante nossa pesquisa foi a falta de material didático que auxiliasse a inserção da história local dentro do currículo de História. Dessa forma, além da criação de um *folder*, que trouxesse para dentro da sala de aula uma espécie de roteiro sobre a importância do município de Parnamirim, RN, na Segunda Guerra Mundial, percebemos a relevância de utilizar espaços não-formais de educação os quais permitissem o aluno entrar em contato com a história local de forma mais ativa e significativa. Dessa forma inserimos, em uma das etapas da sequência uma visita ao Centro Cultural Trampolim da Vitória no município de Parnamirim, buscando assim propiciar aos estudantes espaço de ensino e aprendizado não-formal, promovendo uma aprendizagem mais eficiente, permitindo o contato com o conteúdo na prática e diferente daquele que pode ser alcançado em sala de aula.

A escola é o ambiente em que o aluno passa grande parte do seu tempo e é importante que esse ambiente seja utilizado para a valorização da identidade de sua localidade, a compreensão da realidade em que tais alunos estão inseridos, auxiliando na formação política do discente em formação, estimulando sua consciência crítica. É necessário entender os alunos como participantes da construção da história, negar a participação dos alunos, excluir ou marginalizar seus conhecimentos prévios é uma forma de distanciar a história local da global. Possibilitar o estudante compreender o quanto ele é protagonista da sua história é uma excelente estratégia para inserir o aluno pedagogicamente na construção do conhecimento e de sua consciência histórica.

Dessa forma, gostaríamos que os alunos entrassem em contato com sua própria história, compreender os impactos de uma guerra e as mudanças que elas geram na população local. Assim, eles poderiam formular seus próprios argumentos, questionamentos e relações entre história do seu município e fatos históricos tão importantes como o da Segunda Guerra Mundial, normalmente ensinados de forma tão distante do cotidiano dos alunos.

A história local da cidade de Parnamirim para a Segunda Guerra Mundial teve uma grande importância e trazer para dentro da sala de aula é importante por que possibilita outras interpretações históricas com a função social de identificar os alunos no presente de sua história por meio de memória local. Além disso, possibilitar esse contato entre a história local e os conteúdos do currículo de História podem gerar os estímulos necessários para que os alunos se interessem em aprender História, aumentando seus sentimentos críticos a partir da ótica de seu próprio contexto social e cultural.

Acreditamos que o presente estudo pode contribuir para uma reflexão acerca da importância no ensino da História da presença da história local e a busca por metodologias que contribuam para o processo de ensino-aprendizagem, buscando assim a promoção de uma educação integral e libertadora.

Destacamos aqui que outros estudos podem surgir a partir deste, como por exemplo, investigar a eficácia prática da sequência didática proposta, além de investigar diferentes espaços e movimentos existentes no município de Parnamirim, cuja história local esteja relacionado de alguma forma com diferentes temáticas do currículo de História.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, D. L. O que é (e como faz) sequência didática?. **Entrepalavras**, v. 3, n. 1, p. 322-334, 2013.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/historia>> Acesso em 30 mai. 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf> Acesso em 20 jul, 2022

BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MECSEF, 1997. BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Ciências Naturais**. Brasília: MECSEF, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf> Acesso em 20 jul. 2022.

BRASILINO, K. V. M.. **O Recife como espaço educativo e a educação patrimonial: uma proposta de ensino sobre a revolução pernambucana de 1817**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 166. 2021.

CERRI, L. F. Cidade e identidade. Região e ensino de história. **Temas e questões para o ensino da história do Paraná**. Londrina: EDUEL, 2008.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 199-200.

COSTA, M. Centro Cultural Trampolim da Vitória está aberto ao público neste fim de semana. Prefeitura de Parnamirim. Disponível em <<https://parnamirim.rn.gov.br/newsItem.jsp?p=12737>> Acesso 18 jul. 2022

D'ARAÚJO, M. C. *et al.* **As instituições brasileiras da Era Vargas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. 212p.

DIAS, L. S. Q. Natal de luto: a cidade diante do suicídio do presidente Vargas. Natal, 2009.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento. In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro] Campinas: Mercado de Letras, p. 95-128. 2004.

DVORÁK, M. **Catecismo da preservação de monumentos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 86-87

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 324.

FAVERI, M. A repressão no governo Vargas e as medidas coercitivas aos simpatizantes do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. *Cena internacional*, v. 8, n. 2, p. 193-216, 2006.

FLORÊNCIO, S. *et al.* **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**.

Brasília, DF: Iphan, 2014.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. **O patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 31-32.

GOES, J. A. Trampolim da aviação: transformações históricas, forma urbana e inventário da arquitetura do campo Parnamirim, Rio Grande do Norte, Brasil. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GOMES, E. C. *et al.* **Espaços não-formais contribuições para aprendizagem significativa: uma articulação necessária ao processo de ensino-aprendizagem**. VI Encontro Internacional de Aprendizagem Significativa e 3º Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa, São Paulo, 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOIFMAN, Fábio; ODA, Humberto Manabu. A declaração brasileira de guerra ao Japão. In: **XXVII Simposio Nacional de História**. 2013. p. 6-8.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LE GOFF, J. Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. In: BITTENCOURT, Circe (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Conexto, 1997.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 3, p. 45-61, 2001. Disponível em

<<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17569/material/T.4-.ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20CI%C3%8ANT%C3%8DFICA.pdf>>
Acesso 24 ago. 2022

MIRANDA, M. P. S. Constituição federal assegura ampla proteção ao patrimônio cultural do país. 2018. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2018-ago-11/constituicao-assegura-ampla-protecao-patrimonio-cultural-pais#_ftn3,%20acessado https://www.conjur.com.br/2018-ago-11/constituicao-assegura-ampla-protecao-patrimonio-cultural-pais#_ftn3,%20acessado. Acesso em 28 abr 2022.

MORAN, J. M. Por onde começar a transformar nossas escolas. In: **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. v. 6, p. 145-165, 2016.

OLIVEIRA, Giovana Paiva; PONTUAL, Virgínia. Natal e a II Guerra Mundial: crônicas sobre a cidade. **XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR**, 2005.

PEDREIRA, F.S. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: **Multifoco**, 2010.

PELEGRINI, S. C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo 2006, v. 26, nº 51, p. 115-140.

POLLAK. M. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, M. Memória e Identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PONTES, M. M. O valor do patrimônio cultural para memória e identidade do povo.

2021 Disponível em: <https://www.sabra.org.br/site/patrimonio-cultural-3/>. Acesso 20 fev 2023.

PORTALN10, 2022. Disponível em < <https://oportaln10.com.br/centro-cultural-trampolim-da-vitoria-sera-aberto-ao-publico-na-terca-feira-28-93291/>> Acesso em Mai de 2022

SANTOS, C. R. *et al.* **Ensino de história e articulação entre espaços formais e não formais de aprendizagem em Ribeira do Pombal**, Bahia, Brasil. 2021. Dissertação de Mestrado - Universidade do Vale do Taquari - Univates; Lajeado, p. 98, 2021. Disponível em

<<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2969/1/2021ClaudianaRibeiroSantos.pdf>> Acesso 2 ago. 2022

SILVA, M. V. M.; FOLY, F. M. Força Expedicionária Brasileira: 70 anos. Uma análise política do processo de negociação, criação e dissolução. **Revista Brasileira de História Militar**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 11-29, 2013.

SONDHAUS, Lawrence. A primeira guerra mundial: história completa. Editora Contexto, 2013. P. 560.

SOUZA FILHO, C. F. M. **Bens Culturais e Proteção Jurídica**. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999. p. 23.

TERCI, D. B. L.; ROSSI, A. V. **Dinâmicas de ensino e aprendizagem em espaços não formais**. X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências—X ENPEC Águas de Lindóia, SP—24 , v. 27, 2015.

TRILLA, J.; GHANEM, E.; ARANTES, V. A. **Educação formal e não-formal**. 2008.


UGALDE, M.C. P.; ROWEDER, C. Sequência didática: uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem. **Educitec-Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 6, p. e99220-e99220, 2020.

ZABALA, A. A. **Como Ensinar e Aprender Competências**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

ZABALA, A. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

7. ANEXOS

ANEXO 01: Folder sobre a importância do município de Parnamirim, RN, para a Segunda Guerra Mundial produzido para ser utilizado como material didático sobre a história local do município de Parnamirim durante a realização da sequência didática Parnamirim Field. Imagem superior: parte externa do folder; imagem inferior: parte interna do folder.



Visita a Natal do presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt em janeiro de 1943

Imagem: Rostand Medeiros



Base de Parnamirim Field - avião da marinha americana

Imagem: Rostand Medeiros

Email :
Karlaelvirag@hotmail.com

APOIO:
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Parnamirim Field

A importância do território brasileiro para a história da 2ª Guerra Mundial




Imagem: ANCOM - foto: ParnamirimRN.openstreetmap.org



Imagem: Polívor Assis

A maior base americana fora de seu território

Parnamirim, RN



Fonte: Prefeitura de Parnamirim, RN (2022)

Parnamirim é um município brasileiro localizado no estado do Rio Grande do Norte, na Região Metropolitana de Natal, ao sul da capital estadual. Ocupa uma Área de 123,471 km². Em tupi guarani, Parnamirim significa "rio pequeno". Parnamirim é reconhecida internacionalmente como "Trampolim da Vitória", tendo fortes ligações históricas com a Segunda Guerra Mundial quando se tornou sede da base aérea americana Parnamirim Field.




A instalação da base Parnamirim Field modificou o cenário sócio, econômico e cultural da cidade. Parnamirim se tornou a terceira cidade mais importante do estado do Rio Grande do Norte.

Parnamirim Field

A cidade de Parnamirim foi um dos pontos mais estratégicos para os Estados Unidos durante a 2ª Guerra Mundial devido a sua localização estratégica e clima.





Fonte: Google Earth (2022)



A base aérea americana Parnamirim Field era utilizada para a manutenção e abastecimento dos aviões e embarques e treinamento das tropas,

Centro Cultural Trampolim da Vitória

Centro Cultural Trampolim da Vitória (CCTV), localizado em Parnamirim - RN. Nesse Museu, é possível ver fotos, documentos, registros históricos que remontam a participação da cidade na Segunda Guerra Mundial.

Fonte: Karla Elvira Guimarães.